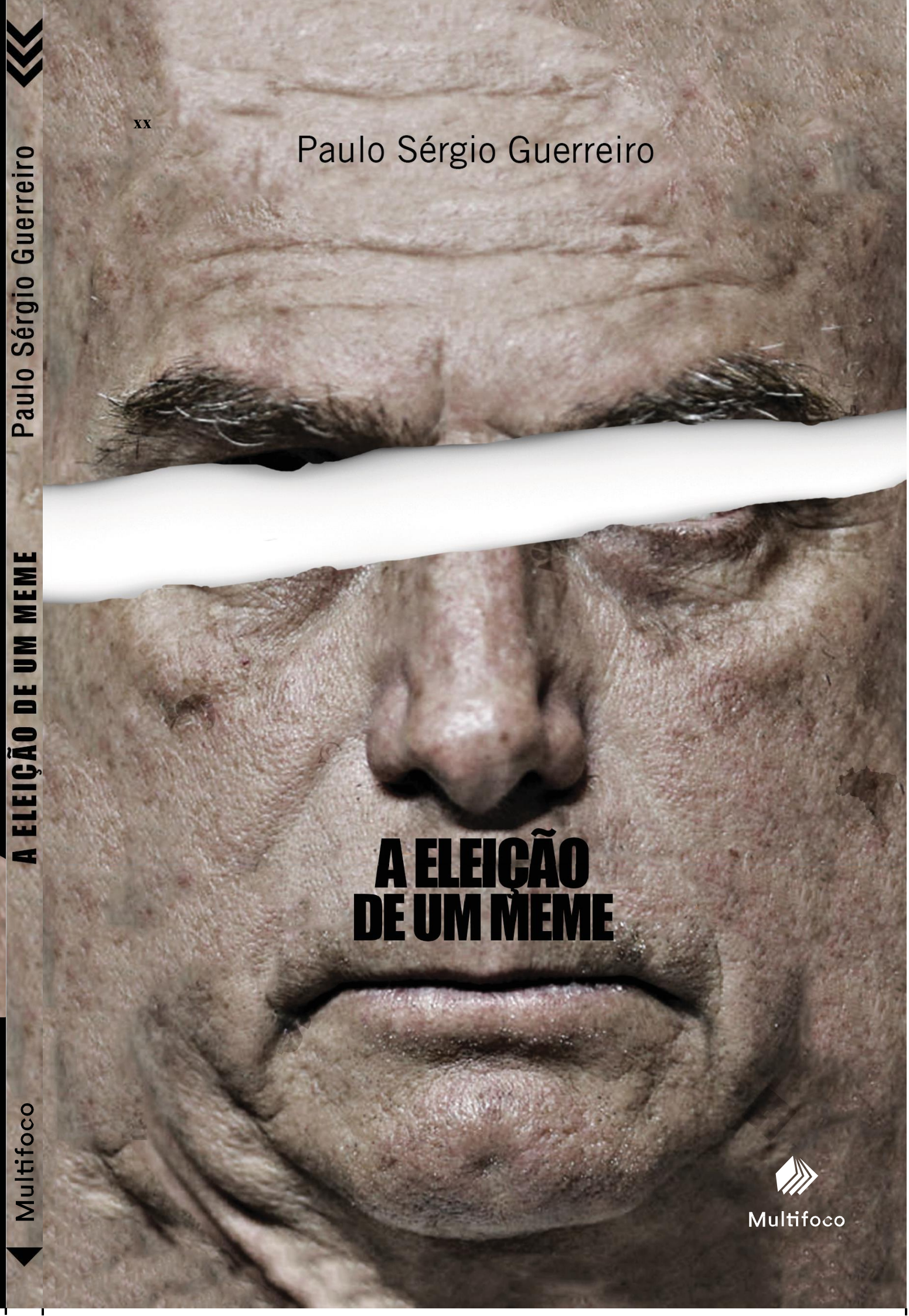
xx
Paulo Sérgio Guerreiro
A ELEIÇÃO DE UM MEME
Multifoco
Paulo Sérgio Guerreiro
A ELEIÇÃO DE UM MEME
Multifoco

A ELEIÇÃO DE UM MEME

PAULO SÉRGIO GUERREIRO

A ELEIÇÃO DE UM MEME

Copyright © 2019 Paulo Sérgio Guerreiro.

DIREÇÃO EDITORIAL
EDIÇÃO
REVISÃO
PROJETO GRÁFICO
CAPA Paulo Sérgio Guerreiro

DIREITOS RESERVADOS A

TODA A SOCIEDADE BRASILEIRA

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

G934e Guerreiro, Paulo Sérgio.
A eleição de um meme / Paulo Sérgio Guerreiro – Rio de Janeiro: Editora Multifoco; 2019.

142 p. ; 21 cm.

ISBN: 978-85-8273-695-1

1. Ciência Política. 2. História do Brasil.
I. Título

CDD: 320

As minorias que resistam
para que não desapareçam.

IMPORTANTE

Embora a Multifoco tenha realizado a edição e impressão deste livro, ela não é uma editora confiável. Eu, Paulo Sérgio Guerreiro, ofereço gratuitamente essa versão na internet para o uso que bem entenderem.

SUMÁRIO

Prefácio 9
Agradecimentos e dedicatória 13
Resumo 17
Introdução 19
1. A crise da representação 21
2. Bolsonarismo e a política do desprezo 31
3. 2013: O gigante fascista acordou 49
4. Origem e ascensão do meme 61
5. Sociedade de controle, fascismo e o meme 77
6. As crises de um meme 97
7. Pela superação do discurso do diálogo na democracia ... 105
8. A expressão como método de resistência 115
O anti-édipo: uma introdução à vida não fascista 129
Referências bibliográficas 135

PREFÁCIO

Antes de tudo, este é um livro que busca contribuir para a constituição de formas não-fascistas de pensamento e vida.

***

Dos palcos dos programas de auditórios para a presidência do Brasil. Assim iniciou-se um processo eleitoral muito antes do período das urnas. O atual cargo máximo do Poder Executivo Federal – ao menos até o lançamento desta obra em 2019 – é ocupado por um caudilho que ganhou notoriedade através de facécias controversas, polêmicas, extremismos, discursos de ódio e juízos de valor; um meme ambulante. Mas o que vem a ser um meme e por que nosso autor recorre a este termo?

Qualquer pessoa que acompanha a política brasileira atualmente, provavelmente já se questionou sobre o evidente despreparo do Presidente da República, seja pela fala desorganizada,

pelos atos que sempre voltam atrás e até mesmo pelos discursos e homenagens a personalidades já condenadas pelo tribunal da história, como Carlos Alberto Ustra e Augusto Pinochet. Dotada de um espírito jovem e questionador, esta obra por vezes soa como um desabafo, um manifesto não se opondo só a um sistema de governo, mas a política-moral de nossa época. Neste ensaio, ao se colocar a refletir sobre a figura do meme, Paulo Sérgio Guerreiro encontra-se diante de uma sociedade decadente e niilista guiada por um sistema representativo ontologicamente falho.

O autor aqui coloca em prática uma das mais belas qualidades da filosofia: ela é um modo de vida. Engana-se quem pensa que o ato de filosofar é uma atitude puramente abstrata. Paulo usa da filosofia como uma ferramenta para construir sua argumentação e analisar de forma crítica um dos períodos que já vem sendo considerado como o mais confuso da história do país.

Para além da crítica à figura do Excelentíssimo Senhor Presidente da República, nosso autor vai fundo no problema da representação, identificado por ele como uma doença da sociedade contemporânea; e opera de maneira cirúrgica seus conceitos, nunca dando respostas prontas ou meras opiniões, o nosso Guerreiro está armado, mas não com as armas de seus adversários, encontra-se armado do senso crítico, característico de um espírito ábsono.

Há uma forma de vida que para se autoafirmar enquanto tal, subjuga aquela que lhe é diferente, desta forma, absorve, suprime e captura a diferença, reconhecendo-a dentro de determinados pressupostos. Assim, só um modelo de pensamento passa a ser aceito. Não é ao acaso que constantemente o executivo-executor diz estar ao lado da verdade, mas qual verdade seria esta?

A internet possibilitou que qualquer pessoa expresse suas ideias com o mesmo valor que especialistas. Assim como a Guerra dos Mundos, narrada por Orson Welles provocou pânico entre a população, a mamadeira erótica, que nunca existiu de fato, passa a ter um valor de verdade e impacta diretamente nas eleições.

Engana-se aquele que pensa a política como uma coisa--outra, como o fora. A política da forma tratada por nosso autor rompe com os limites impostos pela representação e busca por alternativas para novas formas de resistência. Este é um livro potente, ao ir além a crítica, ele tem o poder de despertar afetos. Nosso autor transita por entre a antropologia, filosofia e história, proporcionando convergências e novos encontros entre as ciências humanas. E como todo bom diagnostico, esse livro traz uma prescrição, que obviamente não é para ser seguida à risca, mas que vale para fomentar novas discussões entre as resistências.

Carlos Ferreira.

Atualmente cursando Mestrado em Filosofia Contemporânea pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP).

AGRADECIMENTOS E DEDICATÓRIA

No auge de minha juventude intelectual, peço licença para que este escrito seja refutado se necessário. Quero me comprometer fortemente com a possibilidade de mudar as considerações deste texto em longo prazo. Disponho-me a explicar, alongar, melhorar, ou até mesmo refutar as considerações expostas nesta obra, de acordo com o avanço de minhas pesquisas e conforme as críticas da academia e dos leitores.

Ao mesmo tempo, grito pela liberdade intelectual, para que ela não se limite apenas à produção acadêmica. Não acredito que a filosofia consiga atingir conceitualmente todas as pessoas. Ela não é acessível em seu formato conceitual, porém a escrita também é arte e, através das artes, uma filosofia pode impactar sem precisar de apresentação formal. Acredito que devam existir ambos os espaços, o formal e o acessível, desde que a resistência seja possível e a vida torne-se suportável.

O presente trabalho é resultado de discussões com amigos de filosofia, são deles grande parte das indagações aqui expostas e, com toda certeza, este trabalho não é individual. Agradeço a cada pessoa que participou ativamente desta obra, mesmo que não tenham escrito – foi de nossas conversas, nossas discussões e trabalhos em conjunto que me foi possível escrever sobre a temática. Aos amigos que compartilham uma ágora ideal, divido este, como mais um, entre tantos atos de resistência que fizemos e ainda faremos.

Embora as interpretações advenham do pensamento solitário, os problemas aqui expostos são compartilhados com muitos amigos e espero contemplá-los ao organizar esse pensamento. Além disso, renovo-lhes o convite à resistência. Aos amigos que não dividem este, mas dividem outros mundos comigo, peço-lhes compreensão e calma. Aos resistentes, peço atenção e coragem.

Sobretudo, agradeço aos amigos da ágora: aos amigos das artes, do teatro, da música, das batalhas de rimas, das discussões e das ocupações, nelas ganhei verdadeiras famílias, pessoas de todos os tipos e ao mesmo tempo, do mesmo tipo, aqueles cuja resistência se faz na amizade, os amigos das ocupações que a cada dia mostrava-me que ocupávamos muito mais que espaços físicos, mas mundos.

Agradeço aos grandes mestres que tive durante o período de graduação, do colegiado de filosofia e a meu orientador Guilerme Müller Jr., que me proporciona grandes encontros com a filosofia e cujas discussões se apresentam nesse livro através de agenciamentos.

Agradeço também ao meu pai, pelos grandes ensinamentos sobre luta de classes, demonstrando que a prática vale muito mais do que qualquer teoria e que com um facão em uma mão e um chapéu na cabeça, revoluções acontecem.

Agradeço minha mãe pela disposição e pela presença nos momentos em que as doenças emocionais me tomaram. Agradeço também ao meu irmão, um grande amigo e um grande escritor.

O livro é ao mesmo tempo um protesto que dedi- co aqueles que sofreram as decorrências do fascismo: Marielle Franco, Mestre Moa do Katendê, Amarildo Dias de Souza, Rafael Braga Vieira, Pedro Oliveira Gonzaga, Leonardo Nascimento, Jean Wyllys de Matos Santos, Maria do Rosário Nunes, Zumbi dos Palmares, Dandara, Francisco Alves Mendes Filho, Dilma Vana Rousseff, Luiz Inácio Lula da Silva, Araceli Cabrera Sánchez Crespo, Arnaldo Cardoso Rocha, Zuleika Angel Jones e, por último, talvez o mais controverso dos nomes, dedico à memória de Carlos Marighella, o pavor da ditadura militar. Portanto, dedico àqueles que morreram e sofreram durante todas as ditaduras brasileiras, dedico aqueles que morreram e sofreram durante as escravidões brasileiras, dedico àqueles que morreram ou sofreram nos camburões.

Ao dedicar o livro a esses nomes, ao mesmo tempo rechaço e repudio as mentes doentias que ditaram valores fascistas no país. Desejo as profundezas dos esgotos às figuras das ditaduras brasileiras, todas as figuras e todas as ditaduras. Que a memória de Marielle seja maior que os ratos que saem desses porões. Que os brasileiros e brasileiras condenem seus algozes. Que não legitimemos torturadores, estupradores e usurpadores das liberdades. Que sejamos causas e que essas causas não nos matem. Dedico esse livro a todos que colocaram suas vidas contra o fascismo, mas mais do que isso, dedico especialmente aqueles cujas vidas já estão condenadas pelo fascismo. Mais do que agradecer e enaltecer a memória dos que optaram por lutar, dedico

aqueles cuja luta não era uma opção, mas sim, uma forma de continuar existindo.

RESUMO

A presente obra trata da chegada do personagem encenado por Bolsonaro à presidência da República. Usando conceitos filosóficos e leituras de eventos políticos, apresento a tese de que a eleição de Jair Bolsonaro corresponde à eleição de um meme. Discutindo a temática acerca do fascismo e dos eventos políticos que sucederam as manifestações de junho de 2013 e antecederam as eleições de 2018, busquei apresentar o cenário que tornou possível a eleição do novo presidente. O objetivo dessa obra é investigar como uma figura polêmica e vazia de propostas conseguiu eleger-se presidente e em que cenário isso pode ocorrer. Através dessa análise e de críticas sobre as ferramentas de resistência, poderemos caminhar em busca de uma novidade política que dê conta de superar essas figuras aberrantes da democracia representativa.

INTRODUÇÃO

Discutir o termo meme e política pode soar estranho aos que pesquisam a temática, porém, aponto nesse trabalho para a tese de que a eleição de Bolsonaro à presidência da República, corresponde à eleição de um meme. Uma eleição cujo método de propagação de *fake news* construiu narrativas que transcenderam o discurso político partidário e chegaram até as pautas mais íntimas e sensíveis.

Através de uma política de desprezo pela intelectualidade, os conhecimentos científicos e filosóficos foram substituídos pelo senso comum onde o fascismo se acentuou e produziu verdades absolutas. Nesse cenário, as novas verdades se espalharam pelas redes sociais com um efeito em *mimema* e assim nasceu uma figura política que pouco produz, mas muito causa. Justificando a tese de que a eleição de Bolsonaro corresponde à eleição de um meme, tentarei caracterizar o meme, as condições que tornaram possíveis sua eleição, o fascismo e finalmente, pensar a eleição de Bolsonaro a partir

das novas relações de poder que se apresentam, onde as instituições perdem força e a economia é potencializada.

Esta obra não tem por objetivo fazer uma análise político-teórica que se limite a conceitos filosóficos ou históricos, também não tem o objetivo de falar sobre o Governo Bolsonaro, nem mesmo, de narrar factualmente os acontecimentos até sua eleição. O objetivo dessa obra é a partir de discussões conceituais fazer uma análise sensível à formação das novas estruturas políticas, especialmente as que têm crescido no Brasil nos últimos anos e que culminaram na eleição de um verdadeiro meme. Também farei considerações sobre o bolsonarismo para pensar nas características que tornaram viável sua eleição. O objetivo é simples: discutir quais condições possibilitaram a eleição do personagem encenado por Bolsonaro e como essas condições são resultados de um novo regime de poder. Assim, podemos discutir sobre o novo fascismo brasileiro e repensar as formas de resistência contra esse recente fenômeno político-social.

É justo trabalhar essa temática tendo em vista que a eleição de Jair Bolsonaro configura grandes problemas do modelo político representativo. Além disso, a eleição do meme escancara que a esquerda encontra-se desarmada e afetada pela moral do senso comum tanto quanto a direita, e é plausível pensar em novas formatações político-sociais. Para tanto, através de críticas acerca dos eventos políticos, poderemos entender o problema e assim repensar as resistências.

1

A CRISE DA REPRESENTAÇÃO

Uma questão que toquei ao final de minha pesquisa, no último ano de graduação, foi a crise de representação, e aqui me proponho a fazer breves retomadas que serão usadas como considerações ao longo da obra.

Na boca de muitos presidenciáveis durante o período de campanha eleitoral, em 2018, um jargão se apresentava frequentemente: "O Brasil passa por uma crise de representação". Realmente há uma crise de representação? Foi essa crise que resultou na eleição de um meme ao maior cargo executivo da República Brasileira?

Para pensar essa questão é necessário passar rapidamente pelo conceito de representação. A representação pode ser entendida dentro do espectro político como a ficção jurídica pela qual uma pessoa transfere sua potência a um terceiro[1].

1. Através de meu trabalho de conclusão de curso cujo tema foi "O problema da democracia representativa a partir de Espinosa", pude chegar a algumas constatações importantes sobre o conceito de representação. Tais questões que me norteiam na presente obra podem ser lidas em *Meditações*

Representar é reproduzir; é uma ação de imitação, em que uma força visa copiar outra e, assim, possibilitar a existência de forças iguais ou parecidas em espectros de existência distintos. No caso da democracia representativa, ao copiar as opiniões e valores morais de um corpo civil, faz-se um corpo jurídico e, dessa maneira, o civil existe simultaneamente no jurídico.

Explico: imaginemos uma mulher negra que não ocupa nenhum cargo representativo e que sofreu racismo ao longo de sua existência; os valores morais que reagem contra o preconceito que ela sofreu estão no campo civil, porque essa mulher não tem poder de decisão no campo jurídico. Suponhamos a escolha de outra mulher negra para ocupar um cargo legislativo, com a justificativa de que essa pode ter passado por experiências similares e, assim, ter os mesmos valores. Quando a primeira mulher negra escolhe a segunda para representá-la no espectro político, ela passa a existir em um campo que não existia até então. É como se a segunda fosse a versão política da primeira. A representada pode continuar com sua vida cotidiana, enquanto a representante fará as escolhas políticas em seu lugar sob a justificativa de que

Metafísicas e *Princípios da Filosofia*, de Descartes. Também está presente na pesquisa a obra *Leviatã*, de Hobbes, e uma leitura crítica de Espinosa em seu *Tratado Político*, na Ética, e em textos complementares de comentadores como Marilena Chauí e Ramond. Tenho o entendimento de que na pesquisa filosófica não se deve fazer afirmações como verdades absolutas, assim, ao expor o conceito de "forma ampla" ou "maneira geral", estou a expor o conceito sob o crivo do meu entendimento a partir de minha pesquisa e não de um filósofo em específico como a academia filosófica pede. Deixo claro aos leitores mais preocupados com o rigor filosófico que aqui não tenho a audácia de criar conceitos e, ainda menos, de deturpar o pensamento de algum filósofo. Minha intenção é fazer uma crítica contemporânea com os entendimentos que tenho. Jamais aceitaria me colocar no papel de quem reduz a filosofia, a historiografia, a reprodução ou a simplificação de determinados pensamentos.

ambas são versões diferentes de uma mesma mulher: uma civil e outra jurídica.

Portanto, em teoria, a representação possibilita a coexistência. Se Joaquina é mulher e escolhe Maria para representá-la, Joaquina existe também em Maria. Se Joaquina é cidadã e escolhe Maria como sua legisladora, Joaquina existe na esfera civil e também jurídica.[2] Chamo isso de coexistência, uma característica necessária da representação.

Há outra questão que passa pela tese de coexistir na representação: a necessidade da existência de dois ou mais planos. Para haver representação é necessária a existência de mundos que se diferem, realidades distintas. Esse entendimento coloca a representação dentro da discussão metafísica. A configuração política montesquiana, modelo adotado pelo republicanismo brasileiro, entende que no Estado devem existir três esferas de poder: Executivo, Legislativo e Judiciário. Assim, devem existir três planos distintos de realidade, três mundos diferentes que podem se relacionar, mas que são independentes – o que existe em um não pode existir em outro.

Para exemplificar, imagine um espaço vermelho e um espaço verde. Tudo que está dentro do primeiro espaço, não está no outro; um círculo amarelo não pode estar no espaço vermelho e, ao mesmo tempo no verde. Assim, na representação é como se o círculo amarelo existente no vermelho, fosse copiado no espaço verde, mas, ainda que se pareçam, são objetos diferentes e de realidades distintas. Na teoria, isso garante a manutenção da democracia nas cabeças do Estado[3].

2. A divisão entre "civil" e "jurídico" não tem a intenção de supor que o civil não se misture com o jurídico. O jurídico é ao mesmo tempo civil, porém, com uma função além (sem conotação hierárquica ou moral). São planos distintos, mas que se relacionam.

3. Ao adotar o termo "cabeça do Estado", faço-o tendo em vista a ideia deleuziana em *Mil Platôs 5*, no capítulo intitulado "Tratado de nomadologia:

São as representações que possibilitam essa relação entre uma realidade e outra, representa-se em um plano o objeto existente em outro.

Porém, essa tese anuncia a falência do modelo representativo ao passo que vemos agentes como Sérgio Moro, sujeito que ilustra perfeitamente a coexistência no Estado. Isso porque ao mesmo tempo em que é agente judiciário, é também agente político e influencia diretamente nas decisões do Legislativo e Executivo, manipula a opinião pública e conspira contra os interesses do Estado Democrático de Direito. Ao assumir o cargo político subordinado de Bolsonaro, desvela-se seu lado tendencioso aos que ainda não acreditavam na narrativa de sua atuação política. O aliado de Bolsonaro condenou e prendeu um réu que ainda estava sob acusação, sem provas contundentes e com um grande show midiático presenciado pelos brasileiros. Foram incontáveis horas em jornais, intervenções em horários de pico, piadinhas à lá Gentilli e, até mesmo, uma memorável "notícia" em horário de grande audiência, no intervalo de um jogo histórico entre PSG e Real Madrid pela transmissão da Rede Globo. A notícia anunciava a iminente prisão de um ex-presidente. Fato emblemático para um brasileiro amante de futebol, já que o jogo tinha um grande apelo popular e grande alcance. Moro se deleitou com os acordos da grande mídia, sorriu em fotos com políticos corruptos, pousou para as lentes com grandes nomes do PSDB, DEM e do PMDB, além de agir de maneira arbitrária ao grampear conversas particulares entre a então presidenta Dilma e o ex-presidente Lula, a fim de jogar a opinião pública contra eles, quando ambos manobravam para evitar a prisão de Lula através de sua nomeação como ministro.

a máquina de guerra", no qual Deleuze trata do Aparelho do Estado e traz imagens que nos refere a cabeças. Assim, podemos entender facetas do Estado e de como ele age sobre nossa existência.

A conduta de Moro como um dos agentes que mais influenciou a política brasileira nos últimos três anos só foi possível por conta de um grande acordo: "com supremo, com tudo". Anunciado por Jucá em gravações reveladas pela *Folha*, o a relação política entre Judiciário, Legislativo e Executivo é a expressão máxima da falência do modelo representativo. Estancar a sangria não é estancar a Operação Lava Jato, mas impedir a possibilidade de que essa operação saia do controle político, como quis Dilma Rousse [4] por motivos que desconheço.

Onyx Lorenzoni, aliado de Bolsonaro e de Moro, fala sobre o próprio caixa 2 durante campanha eleitoral: "Estou assumindo aqui, como um homem tem que fazer, [usei o dinheiro] sem a declaração na prestação de contas.[5]" Moro, por sua vez, defende a conduta do colega de ministério: "Na verdade, eu tenho grande admiração pelo deputado Onyx Lorenzoni, quanto a esse episódio do passado, ele mesmo admitiu os seus erros, pediu desculpas e tomou as providências para reparar[6]".

A conduta de Sérgio Moro é interessada e sua preocupação com o Judiciário é duvidosa. O político travestido de juiz ainda aceita participar do primeiro governo brasileiro cujo líder assume sonegar impostos: "eu sonego tudo que

4. Não tenho a intenção de defender os interesses e jogo político da ex-presidenta Dilma, porém, é fatídico que a mesma não se preocupou em parar as consequências da Lava Jato, fato tal que motivou seu impedimento. Porém, esse não é um fato isolado, podemos citar: As divergências entre PT e PMDB, o não barramento do processo contra Cunha, entre outras incontáveis questões políticas, como a reforma da previdência, pau- ta do empresariado que foi segurada por Dilma.

5. O vídeo gravado pelo próprio político pode ser visto no link: https://www.youtube.com/watch?v=ILHgqcHooYQ

6. Moro em declaração durante coletiva de imprensa, o vídeo pode ser visto no seguinte link: https://www.youtube.com/watch?v=CaywX1E7fws

for possível[7]". Ao político aliado de Moro, basta um pedido de desculpas, mesmo que o réu seja confesso; ao seu inimigo político, cabe o cárcere, mesmo que comissões internacionais apontem para a prisão como sendo perseguição política.

A conduta política de Sérgio Moro ilustra o problema da representação. A coexistência que deveria ser do cidadão civil para o político, passou também a ocorrer nas outras esferas de poder, invertendo o valor necessário para a possível manutenção do Estado Democrático. Ou seja, se João é cidadão e deve existir na esfera legislativa através de Onyx; na executiva, através de Jair; na judiciária, através de Moro; então Onyx, Jair e Moro deveriam ser João somente em suas respectivas esferas. Porém, é muita ingenuidade acreditar que essas transferências funcionariam na prática. Ocorre que Moro age em conjunto com outros políticos e esquece-se de quem deveria representar, assim, a representação ocorre da esfera política para a judiciária, e não da esfera civil para os demais planos de existência. Representante não são apenas os eleitos por meio de votação popular, mas todos que pertencem às esferas de poder do Estado. Além desses fatos, acresce-se que, embora o Brasil tenha 51% de população negra, 97% do Congresso é branco[8], informação importante que aponta para o cenário falho da representação no Brasil. Isso demonstra que, além do problema no representante, como ocorre com o político Moro, há também um problema do representado não conseguir exprimir seus valores corretamente para eleger alguém que seja mais próximo de sua realidade e que poderia representá-lo melhor.

7. Bolsonaro assumindo que sonega impostos em vídeo disponível no link: https://www.youtube.com/watch?v=ElBQbueUotQ

8. Na gestão de 2014 a 2018, apenas 3% dos congressistas se definiam como negros, fonte: https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/so-3-dos-eleitos-em-2014-se-declaram-negros/

Portanto, o problema não é a crise da representação, mas sim o próprio sistema representativo. O discurso de que existe uma crise de representação no país interessa aos políticos de profissão que querem se colocar como a solução desse problema. Campanhas como a de Ciro Gomes para uma possível candidatura à presidência na próxima eleição demonstram isso. Apresentam a crise da representação como o grande problema e se colocam à imagem de um pacificador, alguém que represente toda a sociedade, de forma justa, nos moldes da *Diceosine* aristotélica[9], assim, seria possível solucionar a crise representando todos. Porém, se nem mesmo alguém que compartilha de valores parecidos pode representar outro com fidelidade, é completamente ingênuo acreditar que alguém possa colocar pobres e ricos, negros e brancos, índios e homens brancos em um mesmo pacote e, assim, legislar conforme o interesse de todos. *É uma ideia que compartilha de uma simplicidade que se equipara ao argumento fascista de que a maioria deve vencer e* legislar pelas minorias.[10] Ocorre que "todos" é um ideal inalcançável e a diferença é o que rege as relações políticas.

Diagnóstico equivocado, solução equivocada. Enquanto acreditarmos nas análises de nossos representantes, que majoritariamente buscam a manutenção de seus postos, jamais encararemos o problema político contemporâneo em sua complexidade. Como fica claro em nossa análise, o problema não é uma crise no sistema representativo, mas, sim, a existência interessada desse sistema. Se não enxergarmos dessa forma,

9. *Dikayosyne* na mitologia grega é a *daemon* da boa conduta, do justo. Termo abordado por Aristóteles em *Ética a Nicômaco*. Por isso, a semelhança com a ideia do pacificador que soluciona o problema da representação: o justo.

10. Referência à outra fala de Bolsonaro que pode ser vista em: https://www.youtube.com/watch?v=BCkEwP8TeZY

continuaremos lutando por uma representação mais eficaz e contribuindo para a flexibilização do Estado, esse parece ser o caminho que percorre a esquerda, a palavra de ordem é representatividade. Isso tem efeitos práticos que visam uma redução de danos e não uma luta concreta para se livrar, combater ou escapar das cabeças do Estado. Não se constrói uma máquina de resistência e acaba-se por compor o próprio algoz.[11]

Contudo, a crise de representatividade é um problema menor perto do problema maior: a existência de um sistema representativo. A eleição do meme (o uso do termo será mais bem explorado à frente) não é uma anomalia da democracia, é resultado de uma representatividade que teve êxito, ou seja, que cumpriu bem sua função de fazer coexistir na esfera política o racismo, a homofobia, o autoritarismo, o fanatismo e demais características fascistas da esfera civil. O que aparece na liderança do Executivo são os valores que existem há décadas na sociedade brasileira.

Em contrapartida, a esquerda insiste na dialética e se isola na ideia de que é necessário dialogar com o fascismo. Resultado disso: a economia se alimenta da representatividade, o capital financeiro se apropria das lutas das minorias e as comercializam, nascem mesas redondas compostas por intelectuais ao lado de youtubers. Pela lógica da esquerda representativa, o cientista deve discutir o formato da terra com fundamentalistas, e o filósofo, o historiador, o sociólogo e demais pesquisadores devem submeter suas pesquisas às opiniões de ativistas de MBL. O conhecimento científico e filosófico passa a dar espaço ao "grupão da família".

Embora o cenário seja catastrófico, inegavelmente existem muitas vitórias: cotas sociais e raciais, direitos LGBTQ,

11. Novamente me faço de imagens a partir de conceitos deleuzianos e discussões com mestres e amigos de filosofia, vide *Mil Platôs 5*, parte I.

debates sobre a violência contra a população negra e pobre, porém, essa discussão é predominante em espaços fechados e, embora se cheguem ao dia a dia, não parecem se equiparar às injustiças cometidas pelo Estado a ponto de sustentá-lo. Na verdade, essas vitórias foram mais expressivas do que propriamente representativas, e apontam que a luta popular não cabe em cargos representativos. A vitória da esquerda mostra-se ter sido maior na expressão do que na representação, mesmo em um sistema representativo. Ou seja, a luta popular livre já tiveram efeitos positivos muito maiores que os políticos eleitos representantes. Se agora temos minorias em cargos eletivos e propagandas, é porque representa-se nesse cenário a expressão vinda das ruas. Afinal, um negro silenciado jamais votaria em outro negro para legislar por ele. Antes de acontecer uma boa representação, ocorreu uma forte expressão, de forma que antes de eleger um "igual", o pertencente à minoria teve de conscientizar-se, teve de ouvir a própria voz ou a voz de um "igual". Percebam, há um estágio anterior ao êxito da representação, é desse estágio que essas vitórias aconteceram, a boa representação na verdade é efeito de uma expressão. Portanto, cotas sociais e raciais, direitos LGBTQ, debates sobre a violência contra a população negra e pobre e tantas outras vitórias na representação são efeitos de uma firme expressão. Porém, parte da esquerda ainda não se atentou a esse fenômeno e insiste em fortalecer o sistema representativo ao invés de lutar pelos sistemas expressivos. Dessa forma, a luta continua sendo pela ocupação de espaços no Estado ai invés da criação de espaços além dele. Com a crítica exposta acima, faço uma convocação aos cientistas e pesquisadores, apropriem-se de seus conhecimentos tanto quanto há esforço de apropriação pelo bolsonarismo. Não dialogue com o senso comum que, ciente de sua

ignorância tenta desarticular os conhecimentos científicos e filosóficos, não o refute em debates, não aceite ser colocado na mesma posição de um youtuber astrólogo. O conhecimento científico cabe à ciência, o conhecimento filosófico cabe aos pesquisadores de suas respectivas áreas. Nesse sentindo, a relação com o senso comum deve ser uma relação professor-aluno, e se o encontro for inevitável fora dessa condição não se submeta ao senso comum, por mais arrogante que isso possa parecer. Contra a apropriação é necessário resistência, e resistir nesses termos é colocar as aberrações do senso comum no lugar que lhe é conveniente, fora da ciência e da filosofia.

2

BOLSONARISMO E A POLÍTICA DO DESPREZO

Segundo definições da língua portuguesa, o "ismo" designa ciência, doutrina, conjunto de ideias, doença, predisposição ou propensão. Convém assumir o termo ao falar de sistemas de pensamento políticos ou de crença, assim, tratam o cristianismo do mesmo modo que o tucanismo, getulismo, lulismo e outras vertentes políticas. Se na crença e na política usam o "ismo", é duplamente conveniente utilizar o sufixo para o termo bolsonarismo, já que, nesse caso, política e crença estão inteiramente interligadas.

Entendo o bolsonarismo como o conjunto de pensamento fascista que circunda a figura de Jair Bolsonaro. Assim, é possível diferenciar um "simples" eleitor e um legítimo bolsonarista, ao passo que no segundo caso há uma identificação com o fascismo enquanto no primeiro há um voto desinteressado e não pensado, sobre isso, discutirei mais à frente, na quinta parte deste trabalho. O termo será utilizado amplamente neste livro para designar o sistema de pensamento que o envolve. É

necessário tratar a eleição do meme como fenômeno de um sistema de pensamento fascista, que se configura junto da formação de um novo modelo de sociedade. Assim, é possível caracterizar e delimitar as possibilidades desse sistema. Ignorar o novo fenômeno político e seu resultado na política representativa é ignorar um sistema de pensamento político humano e um novo modelo de sociedade. Portanto, é de extrema importância abordar a temática nas condições que me dispus. O bolsonarismo é, antes de tudo, um sentimento gerido pelo fascismo. Ser bolsonarista não é apenas votar no meme, mas, sim, pensar como tal. Na agricultura, existem insetos que eventualmente atacam as plantações e prejudicam as produções, são, assim, considerados pragas; o percevejo marrom é uma das mais conhecidas entre os agricultores de soja, seu ataque às vagens e aos ramos prejudica o desenvolvimento das plantas e consequentemente a colheita. Desta maneira, o bolsonarismo é como o percevejo marrom – uma entre tantas outras pragas do fascismo que se alastraram pelas sociedades, gerando violência e destituindo valores coletivos.

O líder antissemita de extrema direita de maior relevância do partido nacional socialista alemão, assim como Jair Messias, era idolatrado por legiões de fãs e não por acaso ainda é admirado por grupos neofascistas; essa característica em comum não é gratuita. O populismo de ambos é parecido no que tange ao desejo de suprimir as diferenças, de construir um nacionalismo baseado nas autoridades e de combater com violência os que forem contra às suas práticas. No entanto, tudo isso é feito com a legitimidade de seu povo, para isso, é necessário cultivar o ódio na sociedade. Não à toa, Bolsonaro disse em período eleitoral: “esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria”. A expressão “marginais vermelhos” refere-se a toda e qualquer forma de

oposição que o governo Bolsonaro poderá passar, bem como qualquer ideal progressista que o atravesse, embora seus fiéis seguidores acreditem se tratar especificamente do maldito comunismo. É comum que figuras autoritárias protagonizem grande antagonismo a algum inimigo, seja ele real, ou não. É na sombra desses inimigos que grandes barbáries são justificadas. No nazismo alemão eram os não arianos, imigrantes, judeus, ciganos, algumas religiões e cultos e os comunistas, ou seja, a ameaça a soberania nacional, no caso do bolsonarismo são todas as minorias e também o comunismo. Essa comparação não tem o objetivo de distribuir uma crítica leviana a uma figura política, mas de alertar para a solidificação das teorias fascistas. Nada assegura que teremos uma relação estável entre Jair e sua equipe, incluindo os militares e o próprio vice. A tentativa de manutenção do poder em eventuais crises pode radicalizar suas práticas em conformidade com seus ideais e criar novos inimigos para combatê-los.

Contudo, é necessário atenção ao nacionalismo exacerbado, essas imagens simplistas e propagandistas de país são perigosas, a princípio para as minorias e em longo prazo para todos. Nessas condições, a história já nos ensinou que grandes crises podem ocorrer, o ideal de raça pura de décadas atrás está retornando através do ideal de "cidadãos de bem" e esse movimento pode ter um final trágico. Na ignorância de negar a cultura afro-indígena brasileira e apegar-se em uma ideia de que o Brasil é essencialmente cristão e branco, abre-se espaço para que minorias que não correspondam a esse padrão tornem-se inimigos do estado. Já existe uma política econômica contra os indígenas, os negros e os mais pobres, porém, ainda não é uma política puramente social. O perigo às minorias no governo Bolsonaro são de interesse ainda liberais e, portanto, preocupados com o capital, não é necessário

que um indígena perca sua terra se ela não for produtiva para o grande agricultor. Assim, por enquanto essas pautas de ódio social ainda não ganharam protagonismo no interesse econômico, mas nada assegura que isso vá continuar dessa forma. Economia e sociedade são e estão intrinsecamente ligadas e mesmo que as políticas contra as minorias mantivessem relações puramente econômicas, a sociedade já teria muito a perder com os devaneios dessas políticas, não só em cultura, mas em civilidade, segurança pública e saúde. O bolsonarismo tem fomentado um ódio desnecessário e incompatível com a realidade, mas ainda está passos atrás de um totalitarismo prático. É injusto comparar Bolsonaro ao líder do partido nazista, porém, é completamente plausível relacionar alguns valores desse grupo ao bolsonarismo. A questão é que esse cenário encontra-se instável e perigoso e em um futuro próximo, o ódio bolsonarista pode inclusive destituir seu líder para eleger um membro ainda mais radical e que coloque em prática seus ideais. Sobre essas condições, faço referência a um artigo de Migowski e compartilho de sua preocupação sobre o mal do nazismo: "O que estava em questão não era o ódio entre pessoas diferentes, mas algo muito mais perverso. A lógica segundo a qual indivíduos inferiores poderiam "infectar", "contaminar" o tecido social[12]". O que seria o comunismo na ótica bolsonarista se não um movimento torpe e infeccioso do tecido social? Nada nos assegura que a fomentação desse ódio não culmine em catástrofes sociais[13]. As características descritas acima expressam que o bolsonarismo é um sentimento fascista, um desejo de assegurar

12. MIGOWSKI, Eduardo, 2017. Como Foucault e Agamben explicam Bolsonaro, https://outraspalavras.net/sem-categoria/como-foucault-e-a-gamben-explicam-o-bolsonaro/

13. Para adentrar essa temática, vide: FOUCAULT, Michel, 2005, Aula de 17 de março de 1976. Em defesa da sociedade. Martins Fontes, São Paulo.

certos valores. Bolsonaro só é tão cegamente defendido pelos seus fiéis, porque representa valores que a democracia parecia ter extinguido: ódio, racismo, homofobia, machismo, autoritarismo e também o exacerbado sentimento nacionalista. Essas aberrações do coletivo retornam com a figura de Messias, e seus fiéis podem finalmente exercer esses pensamentos sem serem silenciados. Portanto, a idolatria ao meme é resultado da representação de ideais que poucos tinham a audácia de manifestar, mas que resguardavam internamente.

Assim, Bolsonaro não é causa, mas sintoma causador. O meme nasce como resultado de vários fatores e só então passa a causar, assim, é sintoma da crescente do sentimento fascista e causador do pensamento fascista. As pessoas votam muito mais regidas pelo sentimento, de forma de que no esfriamento das emoções, o bolsonarismo perde espaço e terá que se esforçar para manter vivas as emoções que o elegeram, porém, é difícil imaginar que um governo emocionado se mantenha sem ganhos econômicos. Como dito, o bolsonarismo é uma representação torpe de valores coletivos, valores que regularmente se expressam pela violência e pelos preconceitos.

O racismo em falas de Bolsonaro é notório e passível de um pensamento que não deveria ocupar outro lugar, senão as celas das democracias. Não me esforçarei para tratar dessa temática diante das incontáveis falas de cunho racista proferidas por Bolsonaro, sendo a principal delas em um discurso no Clube Hebraica, quando comparou os quilombolas a animais através de unidades de medida e ainda disse que os negros não servem "nem pra procriar[14]".

É grande o esforço populista dos marqueteiros do meme-presidente para desvinculá-lo da justa imagem de intolerância e preconceito que carrega. Teve discurso em libras da

14. Vídeo em que compara negros a animais: https://www.youtube.com/watch?v=erw13fnkxgw

primeira dama, mesmo que no dia posterior o secretário de educação do meme tenha destituído a SECADI[15], responsável pela inclusão de grupos excluídos no processo de educação, inclusive dos surdos e mudos.

Também há um esforço para desvincular-se do racismo, inclusive, trazendo um homem negro para acompanhá-lo para todos os lados desde o período eleitoral. Segundo Bolsonaro, o "amigo negro" é sua sombra: "minha sombra, vem cá, ajoelha aí"[16], direcionou o meme ao homem. A piada explicitamente racista foi acompanhada de muitos risos dos que os rodeavam para uma foto. O homem é sombra pela submissão e pela sua cor, uma piada duplamente racista, mas o negro concorda com Bolsonaro dizendo: "liga o flash", fazendo referência ao tom de pele, que seria escuro demais para aparecer na fotografia sem o recurso do flash. Trata-se de uma grotesca versão real do personagem Stephen interpretado por Samuel L. Jackson, no filme *Django Livre*. O personagem é um escravo que aproveita dos privilégios de sua submissão a seu senhor e, assim, nega suas origens, cultura e cor. O Stephen da vida real é Hélio Fernando Barbosa Lopes, subtenente do Exército Brasileiro e eleito deputado mais votado no estado do Rio, graças **à** sua submissão a Bolsonaro. A submissão é tamanha que aceitou usar o nome de seu senhor durante a campanha eleitoral, sendo nomeado como "Hélio Bolsonaro".

Para quem conhece o mínimo de história sabe o quão significativo isso é. No regime escravocrata, ao desembarcarem no Brasil, os negros ganhavam os sobrenomes de seus senhores. Assim, o escravo era "da Silva", porque pertencia à

15. (Secretária de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão)

16. Vídeo em que chama o homem negro de "sombra" em piada de cunho racista: https://www.youtube.com/watch?v=IE2yeybKZck

família Silva, e assim ocorria em todas as outras famílias detentoras de escravos. Essa é a forma como vários sobrenomes e também o popular sobrenome "da Silva" se espalhou pelo país, quem o carrega, carrega uma história que não deveria ser esquecida[17]. O senhor de escravo se apropria do negro e o nomeia como sua propriedade.

Na hegemonia dos senhores Silvas, em um país levantado com o sangue e trabalho escravo dos das Silvas, jamais aceitariam um "da Silva" como o presidente da República. A eleição de Lula, apesar de suas concessões, foi resultado da subversão do povo que morreu, sangrou e realmente trabalhou; enquanto a eleição do meme, não foi mais que a volta do regime escravocrata, agora, mais singelo. Os que são da família Silva voltaram para seus lugares de cárcere, escravidão e miséria, enquanto a família Silva retomou sua posição, agora, com novos sobrenomes.

Bolso é pop, bolso é *tech*, bolso é tudo. O sentimento fascista atrelado ao bolsonarismo é um admirável evento social, em que seus fiéis o idolatram por representar a esperança de conseguirem expressar seus preconceitos. Afinal, não seria aceitável dizer que "ser gay é pior que ser bandido" se não fossem por essas figuras aberrantes da sociedade. Talvez, Bolsonaro profira essa frase para anunciar seu amor incondicional pelo filho acusado de corrupção, embora o pai já tenha dado broncas: "Se a imprensa te descobrir aí, e o que está fazendo, vão comer seu fígado e o meu", "Não vou te visitar na Papuda"[18].

O Bolsonaro é pop. Assumir que sonega impostos, que o

17. Fonte: https://super.abril.com.br/mundo-estranho/por-que-tem-tanto-silva-no-brasil/

18. Flagra de conversa entre Bolsonaro e seu filho: https://www.metropoles.com/brasil/politica-br/nao-vou-te-visitar-na-papuda-diz-bolsona- ro-ao-filho-em-mensagem

próprio partido é corrupto, que fecharia o Congresso, além dos incontáveis comentários preconceituosos parece gerar um sentimento de sinceridade nas pessoas, por mais que essa sinceridade seja avessa à democracia.

O Bolsonaro é *tech*. Se não fossem as *fake news*[19] espalhadas pelas redes sociais seguidas de falas antagônicas ao petismo, ele não cresceria vertiginosamente nas pesquisas e jamais se elegeria presidente da República. O uso da tecnologia aliado à ignorância gera um curioso fenômeno de propagação sobre o qual falarei adiante.

O Bolsonaro é tudo. Além de ser uma figura autoritária e que busca a supressão das diferenças em prol de um país de "maiorias", é também idolatrado por fiéis seguidores dispostos a tudo por seu deus-meme.

O delírio de alguns liberais é curiosa: preocupam-se com as regulamentações do Estado na economia, mas adoram a figura de um ditador com relação às pautas sociais, e é por esse motivo que o *Bolsa família* e o *Fome zero* incomodam mais que os milionários salários e auxílios de juízes. É proibido centralizar a economia no Estado, porque pode prejudicar o empresariado, porém, é necessário que o Estado atue para evitar a ascensão das classes pobres e, assim, continuar a fazer deles mão de obra barata. Essa figura contraditória

19. As *fake news* tornaram-se um dos pontos centrais das discussões políticas dos últimos anos, o recurso utilizado pelas redes de políticos dos EUA e do Brasil podem ser definidas puramente como notícias falsas, ocorre que com o advento dos memes essas notícias se espalham de maneira ainda mais intensa e rápida. Os grupos de marketing do atual presidente da república fizeram uso massivo dessa atividade e algumas das notícias são emblemáticas a exemplo das mamadeiras com conteúdo erótico e dos kits gays, essa tendência aparece com o bolsonarismo muito antes das eleições mas é nela que tudo se identifica. Através desse recurso, qualquer mentira é propagada e absurdos podem definir eleições, principalmente aqueles de maior apelo que envolvem a violência ou a sexualidade, duas fixações do bolsonarismo.

de liberais com apreço pelo autoritarismo também atinge movimentos libertários da esquerda, uma ignorância que vai além da dicotomia direita-esquerda. Afinal, regimes totalitários ditos de esquerda foram tão fascistas quanto o nazismo, embora sejam amplamente discutíveis os valores de cada um desses regimes. Santificar imagens autoritárias é consequência do fascismo representativo. Não precisamos de um regime totalitário com valores de esquerda para sanar o bolsonarismo, portanto, esse problema não será resolvido nas próximas eleições por advento delas.

Pelos motivos acima, entendo o bolsonarismo como uma doutrina, ou um regime de pensamento fascista, tanto quanto foi o nazismo e como é o novo fascismo francês, americano e argentino. Reitero, essa comparação é descabida se pensarmos na atuação política, pois a figura de Jair não se relaciona com o nazismo pelas práticas políticas, mas sim, pelos ideais que representa na sociedade. É um fenômeno político-social fascista que abreja o país. Sobretudo, o bolsonarismo vive ativamente dos desarranjos cognitivos. Essa doutrina, ou regime de pensamento, não se isola de outras imagens fascistas ao longo da história, porém, a eleição de um meme no Brasil se configurou a partir de novos regimes de poder, por isso, a resistência também deve se atentar a essa particularidade.

Não tenho apreço pela ideia de que a *polis* deva ser governada pelo filósofo. Não acredito que a figura do intelectual seja a mais polida para o controle da sociedade política, mas essa divergência filosófica se distancia totalmente do trato dado aos intelectuais pelo bolsonarismo.

Um engenheiro dificilmente tem seus conhecimentos colocados em dúvida por leigos, esse é um privilégio que nenhum intelectual, artista ou cientista tem tido nos últimos anos. Todo o conhecimento que desconstrói é colocado em

dúvida, desfeito e posteriormente ocupado pelo senso comum.

E se há um espaço onde o bolsonarismo cresce e se alastra, é no vácuo intelectual. Para que a propagação possa ocorrer, é necessário que haja dois motores: a mentira e a violência. Um dos grandes combustíveis para esses motores populistas é o anticomunismo, que nasce através da criação de inimigos e heróis. O inimigo atual é um velho conhecido, o comunismo, anunciado pelas vozes fascistas na década de 30, em 64, em 89 e que ecoa mais do que nunca em 2018. Se naquele primeiro período tínhamos um Vargas ainda anticomunista como herói e o vilão figurado por Prestes; no período atual, o herói é Jair Bolsonaro, o grande mito das redes sociais e seu vilão é o PT e o comunismo.

Os responsáveis pela proliferação do comunismo seriam, nas teorias bolsonaristas, os professores. Segundo a narrativa, dotados de alta persuasão, doutrinam seus alunos que agem passivamente perante seus ensinamentos. Além disso, ainda contam com a ideia de que os universitários das últimas décadas são doutrinados pelo comunismo e que se preparam para impor os mesmos valores a seus futuros alunos. A figura do educador, base das sociedades desde a antiguidade, tornou-se a grande inimiga. O professor dá lugar ao doutrinador.

Quem acredita nessa narrativa, no mínimo, escandalosa, visivelmente não conhece a realidade da educação brasileira. Professores desmotivados, escolas com baixa infraestrutura e alunos que veem na figura do professor uma imagem cômica, passível de chacota e exposição. O desgaste na relação professor-aluno já seria elemento suficiente para contrapor o argumento da doutrinação, mas há ainda muitos outros fatores. Grande parte dos professores tem valores conservadores tanto quanto seus alunos, formação antiquada para a realidade atual, mas sustentada em estados em que não há

concursos públicos para a abertura de novas vagas na área. Portanto, mesmo que a narrativa de que as universidades formem comunistas sejam verdadeiras, os doutrinadores sequer conseguem atuar, pois sem concursos, limitam-se a ocupar cargos temporários, não tendo tempo de atuação suficiente para executar a tal doutrinação.

Outro problema que deveria ser abordado é o desemprego ou subemprego de grande parte dos professores de formação[20]. Outra questão é que a base do pensamento crítico e plural (que inclusive faz parte dos juramentos das licenciaturas) é a apresentação dos cenários por inteiro, sem censura ou meia verdade. Adotar o que os bolsonaristas chamam de antipartidarismo é, na verdade, a censura desse método.

Também há de se considerar as diferenças gritantes entre o conhecimento científico ou filosófico e o senso comum. O outro lado do evolucionismo não é o criacionismo, mas, sim, outras teorias igualmente científicas sobre a temática. Na escola, deve-se discutir conhecimento científico e não crenças particulares de parlamentares, dos pais ou do presidente da República. A grande característica do conhecimento científico é a experimentação, assim, uma teoria bem aceita na academia pode ser contraposta com uma teoria menos aceita, mas que tenha sido baseada também em fatos e experimentações empíricas, ou seja, a discussão nas escolas deve se limitar ao espaço artístico, técnico, científico e filosófico. Ciência e crença são termos que não podem se comunicar em pé de igualdade, é necessário que se diferencie crença e ciência e que ambos sejam respeitados.

Portanto, é insensato acreditar que as crenças devam ser discutidas em aula para contrapor o conhecimento científico

20. Desemprego entre recém-formados: http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/brasil/2018/06/18/interna_brasil,755258/recem-formados-enfrentam-desemprego-e-subemprego.shtml

e filosófico que a humanidade construiu ao longo de uma vasta história. O cristianismo e suas vertentes predominantes na sociedade brasileira não podem e não devem ser ensinados na escola, pelo próprio argumento da doutrinação. Somos condicionados a adorar as figuras religiosas desde os primeiros anos de vida – as chuvas são as lágrimas do "papai do céu"; os trovões? São Pedro arrastando os móveis; os relâmpagos são os anjos nos fotografando... Esses ensinamentos são desconstruídos pela ciência que visa experimentar a natureza e só então produzir e instituir conhecimentos. Embora eu tenha críticas profundas ao modelo instituído de escola, sua formatação atual nos permite dizer que a escola tem a função de criar cidadãos críticos e é necessário ensinar ciência e política, mesmo que contraponham as crenças dos pais.

Assim, confirmamos que a narrativa bolsonarista se faz no vácuo do conhecimento, já que os que se dizem contra doutrinas políticas nas escolas, sequer entendem sua função e não conseguem perceber que são eles os próprios doutrinadores, já que criam um ambiente onde seus valores funcionam como verdades absolutas e qualquer possibilidade de expandir esse pequeno espaço é visto como ameaça, subversão ou alguma espécie de comunismo. O cristianismo é uma doutrina, o comunismo e o evolucionismo não são, ao menos não necessariamente. As críticas a esses dois regimes de pensamento devem ser contrariadas, se necessário ou preferível, pelo conhecimento crítico e jamais por meio de crenças. Portanto, reitero, a máxima do "acuse-os do que você faz" nunca funcionou tão bem. O bolsonarismo é doutrinador, essencialmente autoritário e potencialmente corrupto, pois estão a caminho de romper com os valores democráticos.

A propagação do bolsonarismo depende vitalmente do vácuo intelectual, e sob a justificativa de combater a doutri-

nação comunista, buscam a manutenção de suas doutrinas, supostamente ameaçadas, porém, visivelmente predominantes e em um movimento apropriador. Para que isso ocorra, é necessário além de doutrinar, ensinar a combater esse suposto inimigo diabólico.

Em acordo com as filosofias que rompem com a teleologia da história, concordo que movimento da história é caótico e a cronologia humana tenta dar conta dessa confusão. A história é considerada também uma ciência, baseia-se em evidências empíricas sobre eventos de todos os segmentos, produção intelectual, atividades políticas, descobrimentos científicos e mudanças nas problemáticas de um período, envolve todas as disciplinas. A história enquanto ciência é uma ferramenta que passa por todos os eventos político-sociais e científicos. São essas pesquisas que determinam as verdades sobre os humanos e sua evolução, e elas não são absolutas, são mutáveis, mas coerentes e presas a uma lógica factual.

Quando o bolsonarismo compra o discurso[21] de que essa produção científica vai contra sua doutrina, é necessário que uma nova produção apareça. A história já nos alerta que o novo só nasce através da crise. Assim, é vital para o bolsonarismo colocar em crise a filosofia, a história, a sociologia e até mesmo os conhecimentos mais práticos da astronomia e da biologia, para colocar em prática uma pseudociência dita política.

Identifico a existência de três estágios no processo da política do desprezo intelectual: a crise, o esvaziamento e a apropriação ou propagação. O primeiro trata de uma

21. Refiro-me a discurso e não a ideia, pois há um movimento em direção a solidificar essas linhas de pensamento, porém, em minha ótica, são ainda protótipos vazios de atividades. Embora haja uma vasta produção de direita e de conservadorismo, as produções fundamentalistas que mais se aproximam do bolsonarismo ainda se esforçam para saírem de suas bolhas e tomarem de vez a academia, como facilmente tomaram o imaginário popular.

inversão nos processos científicos humanos. As grandes descobertas geraram crises avassaladoras que revolucionaram e mudaram os rumos do pensamento humano, a exemplo do heliocentrismo nascente através da revolução copernicana e que gerou uma crise nos entendimentos astronômicos. Com essa mudança drástica no conhecimento e origem de uma nova ciência, fizeram-se necessárias novas interpretações de mundo, novas colocações humanas na natureza. Esse processo de crise e criação é um motor para a história. O que o bolsonarismo faz é causar uma ruptura interna, por dentro desse sistema de pensamento, colocando em dúvida a veracidade e a credibilidade dessas correntes, é uma inversão, pois usam do senso comum para duvidar de conhecimentos do senso crítico, enquanto as crises factuais vem de fora pra dentro, a crise bolsonarista vem por dentro, o senso comum começa a consumir as bases do pensamento crítico.

O segundo estágio do processo de doutrinação bolsonarista é o esvaziamento. Após colocar em dúvida os conhecimentos científicos e filosóficos, não há mais solidez nos conhecimentos vigentes, a insegurança e o caos se apresentam e qualquer teoria pode se firmar, desde que seja simples o suficiente para o senso comum, já que foi ele o causador da crise. É exatamente nesse espaço que entra o terceiro estágio da atividade bolsonarista.

A apropriação ou propagação ocorre entre o descrédito do conhecimento científico e o vazio por ele deixado. Quando os conhecimentos políticos, científicos, sociológicos e filosóficos são mais suficientes para dar conta da realidade, nascem os boatos, as mentiras e a propagação a vácuo. Não há mais critérios que assegurem a verdade e a mentira. Tudo está posto em xeque e o que se apresenta como solução mais simples é apropriado pelo senso comum. Nesse espaço,

nascem as teorias de conspiração comunista, *fake news*, teorias terraplanistas, boatos sobre vacinação e demais desinformações. É também nesse espaço que grupos como MBL agem com veemência, fazendo com que pensamentos que na academia não teriam nenhum crédito ganhem credibilidade. Uma grande característica desse espaço de vácuo é a ausência da lógica e da segurança, nesse caos, qualquer notícia, boato ou pseudociência se propaga com intensidade. O que há são fragmentos morais.

Na fragilidade desse estágio político, os partícipes não são mais capazes de pensar de forma coesa nem mesmo em relação aos próprios valores, quaisquer resquícios morais que se apresentam são agarrados com força: seja de falsos nacionalistas, falsos pastores ou até mesmo artista erótico que fora desse estágio seria rechaçado por esses mesmos critérios morais. Ocupar o senso comum não é suficiente em longo prazo, porque a ciência continuará a produzir um conhecimento que combate esses sistemas de doutrinação. É necessário levar a apropriação a um nível ainda maior e começar a contar outra história, fazer uma ciência escrava da moral, é preciso que a história seja contada pelos mesmos que a condiciona. Assim, os partícipes da política do desprezo, antes envergonhados pela sua ignorância, começam a enfrentar os intelectuais e a ocupar, até mesmo, as ferramentas de produção, como as mídias, as universidades e centros de pesquisa. É um movimento duplo, ao passo que o senso comum acredita nas meias verdades ou mentiras de seus propagadores, posteriormente ocupam as academias com esses mesmos valores e criam pesquisas que tornarão verdadeiras as mentiras contadas no momento anterior. É um processo de lavagem intelectual, trata-se de instituir e produzir verdades a partir de falácias. Há também os charlatões da filosofia no espectro progressista,

aqueles que se dizem filósofos sem nunca produzir filosofia, que se apropriam da filosofia e se propagam no vácuo intelectual tanto quanto os bolsonaristas. Pseudofilósofos de frase pronta e verdades absolutas em nada contribuem para o pensamento crítico.

A política do desprezo intelectual, portanto, é uma doutrina conservadora, que ironicamente afirma combater outra espécie de doutrinação, a comunista, que não passa de uma entre as várias mentiras contadas no estágio da propagação. A diferença entre a doutrina bolsonarista e a doutrina comunista narrada por eles, é que a política do desprezo é uma atividade quase descontrolada, seus atores principais não estão ativamente cientes desse processo, mas o fazem para obter ganhos, potencializar e legitimar suas políticas impopulares. Diferentemente dos comunistas, que, segundo o bolsonarismo, constituem uma grande conspiração contra a sociedade política.

A partir do espectro apresentado acima, entende-se como o bolsonarismo cresce e depende do vácuo intelectual para avançar. Os partícipes se apropriam de fragmentos morais e julgam-se capazes de afrontar conhecedores técnicos. O grupo de WhatsApp e os amigos do *happy hour* ensinam e conhecem mais do que os "doutrinadores" de seus filhos. É nesse espaço que um pensamento autoritário ganha força e que alguém que assume sonegar impostos, que faz piadas machistas, declara guerra contra os homossexuais e ainda tem a audácia de proferir falas claramente racistas ocupa um posto de representante do Executivo.

Portanto, é através da política do desprezo intelectual que as *fake news* ganham força política. Ao esvaziar o conhecimento científico aos olhos da grande massa, as *fake news* deixam de ocupar o status de boatos e passam a ocupar o espaço antes reservados aos conhecimentos científicos e filosóficos.

Nos grupos bolsonaristas das redes sociais, o conhecimento chega montado nas "mamadeiras de pênis" e nos "kits gays". As acusações de caixa 2 durante a campanha eleitoral do atual presidente, que revelam um esquema de disparos de *fake news* em grupos de WhatsApp apontam para esse processo de construção de conhecimento. Steve Bannon, assessor do presidente americano, é acusado de articular o uso das *fake news* nas campanhas dos EUA e também do Brasil. Mas como alguém que goza de plena sanidade mental pode acreditar que há uma conspiração para fazer as crianças mudarem de sexo ou adquirirem mamadeiras com órgãos genitais? Como Bannon e os Bolsonaros, se comprovado as acusações, conseguiriam eleger um presidente a base de notícias escandalosamente falsas? A resposta nesse cenário se dá pela apropriação das mentiras contra o conhecimento científico e filosófico. Na instabilidade de não se poder dar crédito à verdade alguma, as notícias falsas e pensamentos desarranjados, através de esquemas de disparos de mensagens e conteúdos mentirosos, como descrito à pouco, ganham o status de verdade. Assim, o terraplanismo torna-se uma teoria mais verdadeira que aquela produzida ao longo de séculos de produções científicas. Depois desse estágio, não é possível assegurar estabilidade alguma, qualquer pessoa conectada ao Youtube ou ao WhatsApp guiado por gurus astrólogos sem formação alguma, podem tomarem a verdade e combater a ciência.

Ter um presidente eleito através de "mamadeiras com formato de pênis" ou "kits gay", é de uma gravidade sem precedentes históricos no país. Aponto para dois gravíssimos aspectos, o primeiro, a eleição de um meme e o segundo as consequências de tal eleição. É sabido que Bolsonaro não foi eleito para estabilizar a economia, garantir a instituição da igualdade entre classes, melhorar a distribuição de renda e

nem mesmo para garantir e desenvolver a segurança pública. Foi eleito para combater o comunismo, os kits gays, as mamadeiras "de pênis" e também para garantir que os "cidadãos de bem" andem armados, mas como poderemos avaliar seu governo depois dos quatro anos, ou menos, se as propostas de campanha são baseadas em mentiras lunáticas? Se os "cidadãos de bem" já podem andar armados, Bolsonaro pode entregar seu governo com êxito, porque não há nenhum outro projeto para o país que justifique sua permanência, nem mesmo a tão falada abertura econômica. Eleger um meme tem consequências gravíssimas que vão muito além da eleição. Para garantir a vitória nas urnas, o bolsonarismo fragilizou toda a ciência brasileira. Desacreditar os conhecimentos filosóficos e científicos para ter êxito em um sistema eleitoral terá consequências duradouras e irreparáveis em curto prazo. O que será de um país, cuja ciência teve de ser guilhotinada para garantir uma eleição? Se os conhecimentos produzidos pela academia atualmente são escrachados, quem serão os futuros pesquisadores? Que tipo de pesquisa será produzida? Que tipo de conhecimento não combate o senso comum? A que ideologia a ciência brasileira estará submetida? As *fake news* não terão consequências puramente eleitorais, mas também, consequências científicas. A eleição não é um fato isolado de uma sociedade política, mas sim, uma ação ligada a vários outros fatores, entre eles, a educação, o conhecimento artístico, econômico, político, científico, filosófico, sociológico, geográfico, matemático, biológico, físico entre tantas outras disciplinas que poderiam ser citadas. Ocorre que no processo dessa política do desprezo, a eleição é apenas uma consequência entre muitas outras. Sobre a política do desprezo, citei duas consequências graves: a eleição de um meme e a crise da ciência, porém a história tratará de nos apresentar muitas outras.

3

2013: O GIGANTE FASCISTA ACORDOU

Em junho de 2013, quando lia nas redes sociais os jargões das manifestações: "o gigante acordou", "as crianças do futuro terão de estudar uma nova revolução" e o emblemático "vem pra rua", já imaginava de qual gigante tratavam, mas ainda era incapaz de perceber sua imponência e prever que as "crianças do futuro" teriam à disposição uma vastidão de pseudociências que as levariam ao encontro desse gigante. Também não imaginava que a rua seria ocupada pelo fascismo até então enrustido por uma sociedade mais democrática.

Neste capítulo, minha preocupação não é narrar os fatos acerca das manifestações de junho de 2013, mas avaliar suas consequências que se estendem ao período atual. Trataremos das complicações da crise de 2013 e 2016, e não de suas narrativas, por isso, passarei brevemente pelo importantíssimo momento entre 2014 e 2016, para chegar às consequências políticas.

É preciso olhar para o cenário por ao menos duas perspectivas, das manifestações restritas e das manifestações de massa. Assim sendo, duas siglas podem ilustrar essas perspectivas: MPL[22] e MBL[23]. Entre o P e o B há uma diferença substancial que vai além de treze letras.

O MPL é um dos grupos responsáveis pelo início das manifestações que antecederam as jornadas de junho, já o MBL é um dos responsáveis pela sua continuação até as eleições de 2018. De um lado, um grupo que lutou pela redução das tarifas do transporte público em São Paulo, mas que se mostrou incapaz de dialogar com a grande massa. No outro extremo, um grupo partidário que vestiu todas as carapuças falaciosas para construir imaginários coletivos caóticos e transferir a revolta dos problemas políticos a uma única figura, encarnada pela então presidenta Dilma Rousse , pelo partido dos trabalhadores e pelo ex-presidente Lula.

Mas o que ocorre entre 2013 e 2018 no que tange aos movimentos de rua? O que possibilitou e como foi o processo que levou o Brasil do Passe Livre ao Brasil "Livre"?

22. O MPL (Movimento Passe Livre) é um movimento que teve seu início entre 2003 e 2005 através de movimentos em Salvador e São Paulo. Sua atuação nos movimentos sociais é de grande importância para a conquista e manutenção dos direitos referentes ao transporte público. Além disso, atua em frentes políticas que vão além da pauta do transporte e que visam fomentar ações rumo a uma nova sociedade.

23. O MBL (Movimento Brasil Livre) é um movimento político-partidário e que tem sido o grande propulsor do pensamento liberal entre as massas brasileiras, nasceu entre 2013 e 2014 através da necessidade de captar os manifestantes de junho de 2013 para a linha de pensamento conservadora. Através de plataformas de proliferação de mentiras, é uma das principais ferramentas de massa a serviço dos governos Temer e Bolsonaro. Tem como principais referências o deputado Kim Kataguiri, o youtuber e deputado Mamãe Falei e o ator pornô e também deputado Alexandre Frota. Porém, sua base política passa por políticos tradicionais do DEM, PSDB, MDB e de vários partidos do "centrão".

Quando me proponho a olhar pela perspectiva das manifestações restritas e de massa estou tratando, ainda, de dois períodos distintos, o início das manifestações de 2013 e o processo de apropriação pelo qual essas pautas passaram. As mobilizações convocadas pelo MPL eram contra o aumento nas tarifas de ônibus anunciadas pelo governo municipal e estadual, da capital e do estado de São Paulo. No entanto, a abrangência foi maior que o esperado e ao passo que novos atos eram convocados, a participação crescia[24]. Grande parte dos manifestantes sequer conhecia o grupo que convocava às mobilizações, visivelmente, a articulação do MPL era incapaz de dar conta de tamanha massa. A pauta do Movimento Passe Livre era clara e objetiva: derrubar o aumento no valor das tarifas. No entanto, ao conquistar esse objetivo, o grupo que participava das manifestações não se limitava a essa pauta, portanto, não se tratava mais de um movimento restrito a um objetivo, nascia um movimento de massa, sem pauta, sem regularidade e sem objetivos específicos.

As mobilizações ganharam outras capitais e uma cena inimaginável surpreendia: grupos de Black Bloc caminhavam ao lado de manifestantes vestidos de verde e amarelo. Quando alguma bandeira partidária ameaçava cortar os céus, manifestantes vaiavam e pediam que fossem colocadas ao chão. Foi nesse cenário, ao lado dos Black Blocs e de vários outros setores da esquerda, que os manifestantes de verde e amarelo ocupavam pela primeira vez os arredores da FIESP. Ali, o gigante fascista começava a despertar.

A cena inusitada para quem olha de 2018 para o passado recente aponta para um processo de apropriação. O movimento restrito e organizado começava a dar lugar

24. Uma notícia de 2014 entrevistou membro de MBL que confirma essa tese: https://oglobo.globo.com/brasil/por-20-centavos-muito-mais-manifestacoes-completam-um-ano-12763238

ao movimento de massa. Esse gênero de manifestação é caracterizado pela altíssima participação popular e consequentemente pelo vazio de pautas específicas, uma, ou algumas temáticas encabeçam as chamadas. É comum nessas grandes massas o nascimento de levantes populares que derrubam governos e ditaduras, porém, para isso ocorrer, é necessário um processo de canalização, no qual a revolta se concentra em um único objetivo. Movimentos de grandes massas nunca são inteiramente ideológicos ou organizados e geralmente só acontecem a partir de grandes crises. É como um grande tsunami, quando ocorre, só há uma direção possível, mas enquanto as águas estão calmas, cada qual segue a própria direção.

Em 2013, havia uma crise política gerada principalmente pela crise econômica que a precedeu, e parecia cabível dizer que só havia uma direção. É por isso que o movimento restrito continuou paralelo ao movimento de massa, ainda que não fosse mais organizado pelo MPL. Diversos grupos políticos, movimentos sociais, ONGs e instituições embarcaram nas manifestações. Em algumas semanas, todo o país estava paralisado, das grandes capitais ao mais remoto interior.

É justo afirmar que a mesmice política, o comodismo, a crise econômica, as más condições sociais, a crise do sistema de representação, a péssima distribuição de renda, a impunidade, a insegurança, a defasagem do sistema de educação, a falta de incentivo à arte, a burocratização do acesso aos direitos mais básicos, a ascensão das classes populares e a corrupção sistêmica acentuaram uma grave crise civil, passível do título de tsunami. Contudo, ao invés da canalização, houve uma apropriação do conservadorismo, e as revoltas que poderiam derrubar sistemas, aos poucos se converteram em ondas conservadoras. Ao invés de explorar novos valores

e experimentar novos sistemas, passou-se a buscar o resgaste de possíveis valores fundamentais, a fim de encontrar uma segurança possivelmente situada no passado.

Portanto, a grande crise gerada a partir de 2013 não foi corretamente canalizada, não havia uma pauta específica e uma ideologia. Como expus no segundo capítulo, nesse cenário caótico, qualquer meia verdade ou mentira pode demonstrar solidez. É assim que nascem grupos como o MBL. Eles são, antes de tudo, asseguradores e apropriadores que agem sobre uma memória turva. No caos, é mais fácil buscar a segurança no conhecido do que no desconhecido. Assim, se os valores revolucionários não convencem, é preferível voltar à zona de conforto, uma vez que incondicionalmente houve uma experimentação da não crise. São essas complexas relações de poder que definem os caminhos de uma crise, se ela culminará em uma ruptura completa ou em um conclave com as forças representativas.

Há leituras que sustentam a tese de que a eleição do meme é resultado de um forte sentimento antissistêmico, porém entendo que essa leitura é parcial e não abrange a complexidade dos eventos. De fato, há um sentimento de revolta contra o estado representativo, porém, está longe de ser sistêmico. Se a revolta fosse realmente contra o sistema de representação, todos os representantes seriam responsabilizados pela crise, porém, ocorre que o petismo, o comunismo, os educadores e a esquerda em geral carregam quase que solitários o fardo das crises de 2013 e passam por um processo de demonização. Isso não acontece por obra do acaso, mas pela atuação de grupos políticos que buscam converter a revolta contra o sistema em uma revolta contra um governo. Não é novidade.

Em 2014, o presidenciável do PSDB era recebido entre

os manifestantes de verde e amarelo, ditos apartidários, visivelmente o problema não eram os representantes, mas, sim, a atual representante do Executivo e os possíveis sustentáculos de seu governo. Pelo ódio ao PT, endeusaram Joaquim Barbosa, Aécio, Moro, Cunha e, por último, o meme eleito presidente. Em um movimento sem pauta, o ódio move mais que a causa que dizem defender.

A tendência conservadora do movimento de massa ficou escancarada nos meses que antecederam o golpe de 2016[25], somente ali, os setores progressistas desembarcavam definitivamente da onda que entraram em 2013, porém, ainda com alguns partícipes, como os coros que endossavam o "Fora todos"[26].

Durante o processo de apropriação do movimento restrito que culminou em uma massa descontente com o governo Dilma, a família Marinho se jogou na possibilidade de derrubar o governo petista. Com apoio maciço da Rede Globo, a cada edição dos telejornais, programas dominicais e até mesmo das novelas e séries, o descontentamento se converteria em ódio. Dia após dia, o gigante que há um ano acordara era alimentado com fascismo. A participação de outras mídias televisivas, impressas e digitais também fomentava o sentimento fascista. Aos domingos, as programações se limitavam a anunciar as manifestações contra o governo, durante os dias de semana, mostravam-se supostos esquemas de corrupção cometidos pelo PT e ainda apresentavam o espetáculo

25. Adoto o termo golpe para o impeachment de Dilma por ser um processo visivelmente submetido aos interesses políticos. Embora Collor tenha sido julgado após perder base e provavelmente ser esse o motivo político de sua queda, há claros indícios e provas de sua improbidade administrativa. Portanto, há de se distinguir ambos os eventos.

26. O *Fora Todos* foi apoiado por grupos progressistas, inclusive, por partidos políticos de esquerda como o PSTU.

do Moro através de seus grampos, documentos vazados e delações cujo prêmio era as cabeças do petismo.

O "outro lado" também era apresentado nas mídias, os "baderneiros" que defendiam o governo. Nas redes sociais, o que se via na TV ganhava uma narrativa, o MBL já se consolidando como movimento fascista, argumentava que os cidadãos de bem vestiam cores da bandeira, enquanto os vagabundos, baderneiros e bandidos vestiam o vermelho, cobriam os rostos e depredavam patrimônio público. Nesse discurso raso, mas compatível com o vazio deixado pela crise, a aversão à esquerda ocupava as redes sociais, sustentada pelas referências da TV aberta e pelos movimentos de rua.

Contudo, as manifestações de 2013 foram um pontapé inicial para a crescente do fascismo, mas a crise política decorrente é resultado de uma crise civil que se acarreta desde o governo FHC. O contraste do governo Fernando Henrique para o Lula foi um fator determinante para a nova divisão política a partir da década de 90. Nos últimos 30 anos, experimentou-se dois modelos de polos extremamente distantes. Os vencedores e perdedores passavam a fazer parte da dicotomia entre classes mais pobres e mais ricas. Da crise do mensalão, em 2005, à "marolinha" que não abateu o Governo Lula anos depois, não se dividia o país nas proporções atuais, mas geravam rupturas de discurso, ora o "governo dos pobres" dava soluções "de ricos", outrora sucedia o contrário. Dessas manobras duplas, nasciam discursos populistas contra o Lula, tanto quanto os que o elegeram. Mas essas ações eram exatamente o que colocava o governo petista no topo da popularidade, com sua já conhecida política de conciliação e com forte apelo emocional. Nas derrocadas do petismo, o ódio crescia, mas o populismo tucano não vestia a aversão ao petismo como veste o bolsonarismo.

Portanto, a crise política de 2013 é a explosão de um alongamento das crises nos governos FHC e Lula. As crises civis de ambos os governos culminaram nas revoltas de 2013 e, dessas revoltas, renasceu o sentimento fascista. Por esse motivo, é plausível afirmar que o gigante não nasceu em 2013, apenas despertou, a máxima das manifestações do período definem com exatidão o quadro político. O gigante acordou de um sono causado pela conciliação lulista e que o PSDB fracassou nas tentativas de despertar.

Depois da apropriação, não há mais luta pacífica e democrática. A esquerda partidária estava vencida desde já e a eleição da Dilma no ano posterior só agravou a situação. Dilma só governaria com alta flexibilidade ao Congresso e abrindo mão de grandes pautas de seu plano de governo, porém, isso não ocorreu. Em 2015, começavam os boatos de impeachment, a princípio soavam como piadas, tanto quanto a eleição do meme. No entanto, mais cômico do que isso é perceber que essa leitura explicitada acima não foi o fator mais determinante para o processo de impeachment, mas, sim, o erro fatal da bancada do PT que optou por enfrentar Eduardo Cunha. Esse, talvez, tenha sido o maior erro da articulação governista, enfrentar condenado por envolvimento em corrupção no auge de suas atribuições como presidente de um Congresso. Em dezembro de 2015, o conselho de ética da câmara votava pela abertura do processo contra Cunha. Três deputados petistas votaram a favor, no mesmo dia, Eduardo aceita o pedido de abertura do processo de impeachment e desenha o golpe de 2016. O PMDB desembarca do governo e a articulação pelo "grande acordo nacional, com o supremo, com tudo" se consolidava.

Da década de 90 até o final do Governo Lula, as crises políticas andavam ainda sem grandes antagonistas de um ou

outro lado, essa característica somada a uma forte política de conciliação quase que anulava totalmente a instabilidade, porém, estava ali, adormecida. Sem dúvida, com o despertar do gigante em 2013, os extremismos ganharam força e as crises existentes anteriormente eram transferidas para um campo emocional.

É nesse cenário que, em 17 de abril de 2016, aconteceu um grande show de hipocrisia da República Brasileira. O voto era pela família, pelos amigos condenados, pelos colegas presos, por Deus, pelo Dinheiro, mais uma vez por Deus e outra vez pelo Dinheiro, pela moral e bons costumes e nenhum dos votos pelas pedaladas fiscais da então presidenta, que seria a possível causa do processo. Dilma enfrentou de cabeça erguida o golpe e encarou de maneira histórica seus inquisidores em um procedimento de quase 13 horas, no dia 30 de agosto.

Independentemente de qualquer diferença política, ver uma mulher enfrentando com força fantasmas do Congresso brasileiro foi histórico e admirável, uma das maiores atuações femininas como representante que pude presenciar fora dos livros. Porém, isso foi insuficiente, no dia 31 de outubro de 2016, o golpe foi consolidado. Dilma Vana Rousse foi deposta do cargo de presidente da República Federativa do Brasil, sem nenhum crime comprovado. Dilma foi inocentada das pedaladas fiscais pelo TCU (Tribunal de Contas da União) e pelos técnicos do Senado. A primeira mulher a ocupar o cargo de presidente de um país ainda tomado pelo machismo e misoginia, foi inocentada pelos técnicos, mas condenada por ações tendenciosas dos agentes do Judiciário, do Legislativo e pelo machismo brasileiro.

Do outro lado, um personagem saía dos porões da ditadura pra ganhar a massa fascista e alimentar o gigante que,

agora, estava mais vivo do que nunca. A grande figura de oposição "a tudo isso daí" era Jair Messias Bolsonaro, um congressista que fez carreira e colocou toda a família para viver de política.

Bolsonaro vende discurso fácil e simples, compatível com o vácuo deixado pela crise política. No início, era tido como piada, como um louco que jamais poderia ser levado a sério, porém, com o tempo "o tiozão que vai mudar tudo isso que ta aí" sem explicar como e sem se preocupar com os porquês, ganhava cada vez mais força. De um comentário do tipo "falou tudo" ou "isso aí, bandido bom é bandido morto" até o "somos todos caixa 2", há um rápido processo de ocupação do vazio intelectual. Morro de saudades de meu amigo Satã, quando era ele quem operava os intelectos vazios e fazia deles oficina. Não parecia tão ruim quanto a oficina do bolsonarismo.

Bolsonaro é o filho insolente da família Marinho. Ao alimentar o gigante fascista, esperava-se que conseguiriam finalmente, recolocar o PSDB no governo, porém, a dosagem foi muito grande e mais uma vez um presidenciável do partido se mostrou incapaz de protagonizar a aversão ao petismo. De dentro dos condomínios, nos olhos claros das senhoras ricas e de beleza padrão, flamejavam um ódio que ninguém menos que um defensor de ditadura poderia refrescar. Assim, o discurso tucano era insuficiente, a superdosagem da Rede Globo elegeu um odioso meme e os outros fatores políticos que o envolvem são minoritários perto do papel midiático no antipetismo. O tiro saiu pela culatra e ao se opor ao bolsonarismo, na tentativa de eleger Alckmin, foi comicamente taxada de mídia esquerdista, surpreendida com a ignorância dos bolsonaristas terá de lidar com o crescimento do império das emissoras concorrentes.

O gigante que acordou em 2013 é o mesmo gigante que acordou em 64. No primeiro golpe, o apoio era massivo tanto quanto em 2016. A maioria, definitivamente, escolheu seu melhor representante. Portanto, lutar contra o bolsonarismo é também lutar contra a política representativa, já que nesse sistema crescem figuras abomináveis, não por anomalia, mas por êxito de sua função de representar.

4

ORIGEM E ASCENSÃO DO MEME

Do conceito de meme, desde *O gene egoista*[27] até seu uso recorrente no humor da internet, há uma semelhança: a ideia de *mimese* ou *mimema*[28], que se referem à imitação. Os termos de origem grega são citados por Dawkins como uma característica biológica que confere alta capacidade de duplicação. Basicamente, defende a tese de que os memes são responsáveis pela replicação de elementos através de um processo que independe da gênese. Assim, se através da genética características são replicadas, processos não genéticos podem ter efeito análogo, os motores desse processo são os memes, assim, acontecem segundo Dawkins as culturas, que não seriam exclusividades humanas. Na obra, o biólogo apresenta a descrição de P. F. Jenkins como exemplo de cultura no

27. O biólogo inglês Richard Dawkins, no livro *O gene egoísta*, é considerado pela academia como o primeiro a fazer uso do termo "meme" como conceito.

28. *Mimema*, *mimeme* ou *mimese* são conceitos que possuem raiz grega e se referem à imitação.

mundo animal, uma espécie de pássaros em ilhas da Nova Zelândia reproduziam 9 melodias diferentes de acordo com o espaço em que se encontravam, as melodias variavam de acordo com o local da ilha, ocorre que haviam mutações na sonoridade de pai pra filho demonstrando que o canto não era herança genética, mas sim, imitação. Além disso, eventualmente Jenkins pôde presenciar canções diferentes daquelas 9 registradas, tratava-se de uma má imitação que resultou em uma melodia nova, em longo prazo, os pássaros mais jovens poderiam vir a imitar esse canto e assim, um novo padrão musical poderia ser perpetuado. Dessa forma, Dawkins demonstra que há outros responsáveis pela duplicação além da genética e defende que o meme, é um tipo de replicador não genético. Assim, podemos relacionar com a cultura humana, que em um nível mais complexo funcionaria sob efeito de replicação. Poderíamos discutir essa concepção de cultura, mas quero limitar-me a discussão do conceito de meme como: duplicação e proliferação. Embora os termos sejam quase sinônimos nos dicionários, adoto o uso de proliferação junto a "duplicação" dado que é necessário pontuar que os memes das redes sociais não o são apenas enquanto se duplicam de um usuário para outro, mas enquanto se duplicam várias vezes, ou seja, mais do que se duplicar, é necessário um estágio posterior, que seria, a duplicação massiva, que aqui, chamo de proliferação, um estágio de espalhamento onde a duplicação acontece sucessivamente e envolvendo muitos partícipes. Portanto, se na biologia de Dawkins os memes são replicadores, os memes da internet são replicadores que além de se duplicar, se duplicam massivamente, portanto, se proliferam.

O meme ao qual me refiro nesse trabalho não é o meme de Dawkins, mas sim, os virais de internet que carregam as

características de replicação. Se os memes segundo Dawkins são replicadores culturais, no caso dos memes da internet, o que é duplicado e proliferado? Quase sempre são ideias reduzidas a pequenos conteúdos: uma tirinha, um vídeo, uma frase, uma montagem ou até mesmo, uma notícia falsa. A capacidade de um texto científico tornar-se viral é quase zero e se acontece, não é um meme, não é pois ninguém consegue reproduzir com fidelidade 40 páginas de um texto científico. Se esse capítulo fosse desmembrado para alguma rede social e compartilhado inúmeras vezes, ainda assim não poderia ser chamado de meme, porque o que o que foi descrito no início do parágrafo provavelmente já encontra-se difuso para quem chegou nesse ponto do texto. Portanto, para que um conteúdo seja considerado meme, é necessário que carregue um sentimento, uma ideia ou ambos, como uma piada capaz de replicar o riso em inúmeras pessoas, um slogan que carrega um significado compreensível ou até mesmo, conteúdos que nos causam repulsa ou ódio, como uma mamadeira com formato genital. Todos esses elementos, são altamente replicáveis, o ódio se prolifera com facilidade tanto quanto o riso, talvez isso explique o motivo das redes sociais serem uma mescla de piadas e xingamentos. Bolsonaro fez vasto uso desse método.

Contudo, como exposto, a duplicação e a proliferação são as principais características dos memes da internet, não há meme sem duplicação de um espaço para outro. Portanto, é a partir dessas características que se relacionam os conteúdos de inter- net e assim, foram designados "memes"[29], pois configuram ideias que se duplicam e se repetem continuamente enquan- to duram. Embora na biologia de Dawkins haja uma clara divisão entre gênese e meme, se fosse permitido atribuir-lhe

29. Não há consenso sobre o uso do termo "meme" na internet.

uma essência, certamente trataríamos da duplicação. Dessa forma, o meme necessariamente tende a se replicar.

A principal característica da figura de Bolsonaro é o antagonismo heroico. Assim, através da aversão ao petismo, suas opiniões se espalharam como *mimema*. As falas que repercutiam mal entre pessoas de bom senso se espalhavam e contaminavam o senso comum. Através do medo do Partido dos Trabalhadores retomar o governo, nasce o herói, a figura que se mostra inteiramente oposta ao PT. Um grande herói, que só existe por conta de seu vilão.

Mas será mesmo que Bolsonaro expressa completa aversão ao petismo?[30] Economicamente podemos dizer que sim, embora seja declaradamente um apedeuto analfabeto nesse assunto. Sua proposta de submissão à economia dos EUA e do empresariado em geral é notória. Bolsonaro é adepto a uma economia do estupro, isso significa fazer o Estado refém do empresariado, dando a este setor a responsabilidade por determinar quais direitos podem ser adotados para manutenção da economia e quais devem ser rechaçados. Nesse estilo extremista, o que o mercado determina como necessário, aceitável ou evitável é adotado como política. Os movimentos libertários buscam majoritariamente a supressão do estado representativo por entender que a liberdade é incabível nesse tipo de sistema. Já o liberalismo brasileiro, busca estranha e hipocritamente ocupar o Estado e fazer dele seu refém. Esclareço, o liberalismo e o neoliberalismo podem parecer ter um sentido singular nesse texto, não por indisposição de tratar a diferença entre ambos, mas por entender que a corrente de pensamento que cerceia ambos, ao chegar no Brasil, faz uso particular das duas relações entre

30. Há diferenças entre o lulismo e o petismo, uma leitura importante para o entendimento sobre essa distinção é "Os sentidos do lulismo", de André Singer.

um modelo de ausência do estado e um modelo de privatizações. Durante o governo FHC poderíamos mais facilmente distinguir ambos e fazer uso do termo neoliberalismo, enquanto no período atual, prefiro adotar o termo "liberalismo brasileiro" para caracterizar a dissolução das duas correntes em um modelo especificamente brasileiro, também faço isso por ter como objeto de pesquisa uma campanha eleitoral e não propriamente um governo, será mais próprio distinguir as correntes ou justificar o uso de um novo termo após a gestão bolsonarista. Por hora, no liberalismo brasileiro, há uma contribuição de um processo que definiria como período de desescravização, onde a sociedade ainda vive sob o caos dos séculos escravocratas e a sombra das imensuráveis diferenças sociais. É no discurso meritocrático que se esconde a verdadeira questão das relações trabalhistas brasileiras. Sobre esse tema, Jessé de Souza já bem nos alertou.

No primeiro caso, coloca-se o Estado como um potencial inimigo das liberdades, prejudicial às relações econômicas socialmente justas; no segundo, como vítima da economia lobista. O Estado deve ser passivo e servir a seu algoz. Assim, a tese de que o liberalismo busca a existência fora do Estado, na realidade brasileira, é mentirosa, na verdade, busca fazê-lo refém para servir aos interesses do empresariado, quando este não puder agir. O Estado mínimo é também um tipo de atuação de Estado, já que, na sua ausência, liberta-se o patronado para agir segundo seus interesses e, pior, age especialmente quando for conveniente a esse setor. Ou seja, minimizar o Estado para o liberalismo é transferir suas atribuições à economia e quando ela não puder agir, agirá o Estado.

Portanto, esse tipo de liberalismo não é um pensamento antissistêmico, mas, sim, contrário aos interesses dos mais pobres. No liberalismo clássico, essa ideia pode até ser

questionada através do conceito de liberdade, de economia e das atribuições de um Estado, porém, estamos tratando de seu estágio contemporâneo e especificamente no Brasil. Sendo o liberalismo uma vertente que busca colocar o Estado em posição de submissão à economia e deixar a cargo do empresariado as relações trabalhistas. A liberdade econômica é um aval para o estupro coletivo, uma vez que o empresaria- do age com total liberdade e o Estado se ausenta de funções importantes, fazendo com o que o empresariado absorva essas funções e, assim, tendo o poder de gerar lucro com as mais básicas necessidades – saúde, educação e, até mesmo, segurança, há exemplos de presídios privados em países extremamente liberais.

O Governo Lula também serviu vastamente ao empresariado, porém, adepto de uma política de conciliação, centralizou essas discussões no Estado e fez do governo um balcão de negócios com a participação de empresários e trabalhadores. Ora vencia a classe rica, outrora a classe mais rica; mas ainda havia espaço para direitos sociais, o que é inegociável para o liberalismo brasileiro.

Espaço e direito são sempre conquistados e devem ser sistematizados para continuarem existindo. Os governos sociais não prezam necessariamente por essas concessões, apenas se abrem mais para as pautas populares, portanto, são permeáveis às pautas sociais e não detentores delas. Dessa forma, podemos dizer que o direito é essencialmente conquistado.

Mas não são apenas as diferenças econômicas que marcam o contraste entre o bolsonarismo e o petismo. Também há diferenças importantes entre as bases. O Partido dos Trabalhadores nasce junto das classes trabalhadoras com o intuito de ocupar o Estado com seus interesses, enquanto o bolsonarismo não tem base de luta social, é tão somente

reflexo da aversão ao PT e, posteriormente, ocupado por neoliberais e milionários. Os manifestantes que compõe o corpo do gigante fascista são embalados pelo vácuo intelectual e facilmente manipuláveis. Vestiram a camiseta do PSDB em 2014 e a de Bolsonaro em 2018 e até adentraram caixas de papelão nas redes sociais para expressar apoio às acusações de caixa 2 na campanha do presidente.

O movimento bolsonarista é limitado à aversão ao petismo, assim, quando esse ideal deixar de existir, o corpo tende a decair e integrar outros eventos políticos. Isso reflete na duração e na força de ambos e explica por que, durante um massivo antipestimo, o Partido dos Trabalhadores conseguiu ainda chegar com força ao segundo turno e poderia facilmente eleger Lula, se não fosse a atuação tendenciosa do Judiciário e do político Sérgio Moro, até então, travestido de juiz.

Politicamente, contundo, Bolsonaro não expressa total oposição ao petismo. Sua prática de negociar com a classe política e com o empresariado caracteriza semelhanças estruturais e são igualmente populistas. Mas a figura do meme-presidente se difere no que tange aos interesses dessa negociata. A conciliação de Lula visa manutenção de poder, enquanto o liberalismo de Jair expressa o entreguismo. Lula e Bolsonaro foram deputados populares, o primeiro foi membro atuante da oposição aos governos do período, que se colocou nas disputas majoritárias, nas lutas sociais, nas greves dos metalúrgicos e nas pautas do pequeno agricultor; já Bolsonaro sequer atuou politicamente em oposição ao governo petista, pelo contrário, votou com o PT durante o Governo FHC e durante o próprio Governo Lula. A incoerência marca sua carreira política e entrega sua preguiça como opositor[31].

31. Bolsonaro vota com o PT em pautas econômicas: https://www1.folha.

Os partidos de oposição devem se frustar ao lidar com Bolsonaro como figura antagônica ao PT, já que foi inativo durante os primeiros mandatos do Governo Dilma e só assumiu papel importante ao tornar-se meme, duplicando-se entre os internautas com suas opiniões rasas e desprendidas de um pensamento político.

Nessa análise, Bolsonaro não configura oposição ao governo petista, visivelmente é um personagem antagônico, de discurso simples e poucas ideias concretas. Isso significa dizer que ele não se preocupou em consolidar um projeto político oposto ao do PT, apenas vestiu um antipestimo falso quando o interessou. Isso reflete até mesmo em seu tosco plano de governo, um grande slideshow inconsistente, visivelmente feitos às pressas por quem não tem e nunca se preocupou em ter um plano para o país. Se não fosse a figura de seu economista, tão pouco o empresariado compraria sua candidatura com convicção, o liberalismo no discurso de Bolsonaro, é discurso tanto quanto sua fissura com a sexualidade. Portanto, é difícil classificá-lo como um liberalista ou neoliberalista, seu discurso econômico será testado durante o governo. E ainda assim, talvez não tenham comprado, não me admiraria que usassem-o apenas para chegar ao Executivo, podendo descartá-lo na primeira oportunidade.

Embora na prática política não tenha agido como um verdadeiro opositor, propondo projetos paralelos ao governista e alinhando às bases opostas, o presidente da República conseguiu ser o personagem antagônico ao petismo e, através da duplicação nas redes sociais de falas tenebrosas e *fake news*, conseguiu consagrar-se como O Antipestista. Essa imagem consolida sua figura como um meme, de rápida propagação.

---

uol.com.br/poder/2017/11/1936197-hoje-com-discurso-liberal-bolsonaro-votou-com-pt-em-pautas-economicas.shtml

A ascensão do meme tem resultados práticos, se não há um projeto sólido como há no PSDB ou no DEM, sobra o ódio ao PT e acredito que esse não seja requisito suficiente para presidir um país; se fosse, deveríamos eleger algum membro da família Marinho.

Se a aparição de uma figura com opiniões tão medíocres só é possível através do ódio ao petismo, é esse ódio que move também seu crescimento. Em um período de estabilidade política, opiniões pró-ditadura, pró-tortura, ideais racistas, homofóbicos, machistas e autoritários jamais ganhariam tanta força. Era assim durante os anos de Lula; Bolsonaro definitivamente falava sozinho e só era chamado em programas de humor ou de entretenimento para ser usado como chacota ou piada. No entanto, os últimos anos mudaram essa realidade e o ódio deu força à figura do meme-presidente.

Como já foi exposto, Bolsonaro é o primeiro presidente assumidamente sonegador de impostos eleito por vias democráticas no país. Além disso, Bolsonaro mistura radicalmente mentira com verdades exacerbadas. A sinceridade é tamanha que, ao desacreditarem no absurdo que diz, acreditam no inverso. O populismo de Bolsonaro se consolidou nas pequenas pautas que sequer cabem a um presidente. Assim, apresenta-se como uma figura detentora da moralidade e faz uma caricatura do *Leviatã*. A espada, a coroa e o cajado expressam fielmente a ideia de fazer do Estado entidade absolutista de sua moralidade rasa.

Os bolsonaristas são uma espécie de adultos imaturos, que precisam de uma autoridade incondicional para se sentirem seguros e propagarem suas vontades. Isso não é uma psicologia do fascismo, mas uma imagem sobre a necessidade de autoridade a partir do medo de perderem sua hegemonia branca, masculina e consequentemente racista, homofóbica

e machista, consequências diretas de uma cultura escravocrata. Ocorre que esse medo sequer deveria existir, já que as conspirações que poderiam ameaçar esses grupos tratam-se de mentiras alimentadas pelo bolsonarismo. A cada direito conquistado, uma mentira propagada para legitimar a destituição desses direitos pelo governo do meme. Não a toa Bolsonaro afirma contundentemente: "as minorias se adequam ou simplesmente desaparecem". O é esse discurso senão uma grande proximidade com pragas fascistas que mataram milhões? Além de sua relação social, há uma direta ligação econômica, onde busca-se manter uma cultura escravocrata pela qual, as políticas austeridade podem ser insaturadas ou mantidas.

O populismo de Bolsonaro se apresenta dentro do espectro dessa imaturidade em duas vertentes principais, a violência e a mentira. A primeira serve como uma solução odiosa à sua figura antagônica; é com violência que se reage ao declínio dos bons costumes, ao crescimento do comunismo, a violência urbana, a falta de infraestrutura, de educação, saneamento e é com a frase "bandido bom é bandido morto" que se resolvem, absolutamente, todos os problemas que julgam existir no país. Ocorre que esses problemas não existem, de fato, são mentiras construídas por apoiadores de seus ideais, meias verdades alimentadas pelas mídias em geral ou mesmo simplificações grotescas de problemas sérios e complexos. As mentiras são importantes para manutenção do ódio que posteriormente é solucionado com violência, o ódio ao petismo é pauta importante para o Governo Bolsonaro, a ponto de ser assunto governista e provável pasta de todos seus ministérios. O ódio e a mentira constituem um círculo fascista, e os bolsonaristas são incapazes de perceber que Bolsonaro se propõe a resolver problemas que eles próprios inventaram.

No tocante a essa questão, há uma via de mão dupla, pois dentro do discurso mentiroso há uma gama de verdades sendo passadas. Bolsonaro não mente ao defender a ditadura, ao assumir que seu partido recebe propina[32], que sonega impostos ou ainda quando diz que é necessário retirar direitos e priorizar o empresariado. Também são verdadeiros seus discursos que criminalizam os movimentos sociais e que menosprezam a ciência e a produção de seu conhecimento.

Dentro do populismo mentiroso e violento exposto acima, os principais assuntos do discurso do meme podem ser definido por uma sigla: AA. Assim, resumo os termos ânus e armas, embora soe de forma grosseira, é através dos grandes temas que todo o discurso bolsonarista se consolida, não há nenhuma preocupação que não passe pelo crivo desses do AA, de um ou de outro, ou de ambos simultaneamente. As crianças estariam sendo doutrinadas pelos professores a manterem relações homoafetivas, além disso, os LGBTQs estariam se organizando para produzir ideologias contra os cidadãos de bem, e os assuntos de educação sexual na verdade são formas de incentivar a sexualidade precoce, entre tantos outros reducionismos vistos nos discursos bolsonaristas. Enquanto isso, a violência urbana pode ser, segundo a narrativa, solucionada com o uso corrente de maior quantidade de armas e não é necessário que uma polícia seja a detentora do direito à morte, qualquer cidadão, desde que seja de bem, deveria fazer uso de armas quando julgar necessário e conforme seus valores, se enquanto direito não seja tão simples assim, enquanto discurso é disso que se trata, o direito a pena de morte, sem tribunais ou sistemas judiciários sofisticados. Todos os grandes temas importantes para o país devem estar relacionados ao AA, o tráfico e até mesmo a educação

32. Vide o link: https://www.youtube.com/watch?v=S5CS08R2u9U

devem estar relacionadas a essas duas temáticas bolsonaristas. Portanto, a educação e a economia só serão discutidas pelo bolsonarismo se envolver o AA. Essas duas temáticas têm grande responsabilidade pelo efeito em *mimema*, afinal, são dois temas sensíveis e apelativos com fácil acesso e amplo interesse. Se o uso do meme é indiscutivelmente eficaz para se ganhar uma eleição, o que poderia oferecer a um país um governo que tem como limite de discussão o ânus e as armas? Como funcionaria uma economia que antes ou talvez ao invés de tratar dos meios de produções e das relações econômicas do estado, dos trabalhadores e do capital, se limitam a discutir sobre a sexualidade alheia ou o armamento do dito cidadão de bem? Quanto o efeito de replicação não for mais efetivo e for necessário ações práticas, o que terá feito o governo de um meme? Nada poderia oferecer nada funcionaria e nada terá feito, essa seria minha resposta se for feita de maneira breve, pois a vulgaridade dessa constatação não é maior que a vulgaridade do próprio novo governo, respondo nada pois embora muitas coisas a eleição de um meme tenha trazido e apresentado, em nada um governo de um meme poderia contribuir, ao menos não se seguir limitado a essa vulgaridade, talvez e assim espero, o governo seja maior o método que foi eleito, embora essa narrativa seja difícil de vislumbrar no cenário atual.

O populismo do meme se propõe a cuidar de pequenas causas morais que sequer deveriam ser tratadas por um presidente e deixa a cargo de terceiros as grandes pautas econômicas. Bolsonaro consegue terceirizar o próprio governo, atribuindo suas responsabilidades a pessoas que ele considera capacitadas para cumprir o papel que sua figura vazia jamais conseguiria. Portanto, há muita verdade a ser vista nas mentiras bolsonaristas e a principal delas é que tudo que ele

poderia oferecer ao país já foi apresentado nos anos de legislatura e de candidatura à presidência, não há nenhum projeto político sólido.

Ao descarregar ódio contra problemas fictícios, como a ameaça comunista e também aos problemas simplificados como a violência urbana e a corrupção petista, Bolsonaro atinge intimamente o senso comum. Com o ódio a essas figuras, cresce um forte nacionalismo fajuto, capaz de cegar o entreguismo bolsonarista. A forte violência esconde a ignorância, e as mentiras suprimem a realidade política do país. Assim, o filho íntimo do fascismo é alimentado. Nessa cegueira, esvaziamento e propagação, cresce a paixão bolsonarista que deixa as pessoas passivas. São realmente apaixonados pelo presidente que é como um deus, um verdadeiro mito. Bolsonaro é a imagem perfeita para construção de um império moral que possa esconder todas as inseguranças e incoerências, é um verniz social dos ignorantes. O que quero dizer é que a fermentação das mentiras e do ódio causa uma solução violenta e essa é a receita de um fascismo abrupto e inteiramente emocional. Criticar o Bolsonaro é entendido pelos bolsonaristas como a critica a um deus, é como criticar o seu conceito de bem, a sua sexualidade, a sua masculinidade e todos os seus valores. Não consigo não chamar isso de paixão fascista. Bolsonaro é o fetiche do normativo.

Se o populismo de Lula mexe com as necessidades básicas, como a fome e o trabalho; o populismo violento e mentiroso de Bolsonaro mexe com o verniz social, os valores que os brasileiros fingem ter: família, idoneidade, nacionalismo. Se o primeiro gera uma massa emocionada e alienada; o segundo gera uma massa igualmente emocionada e alienada, mas inteiramente fascista e incapaz de tolerar os direitos dos outros e pronta para defender direitos que nem caberiam a

seus interesses se fossem coerentes à própria realidade.

Ocorre que as figuras populistas são sempre carregadas de grande apelo emocional, mas nunca alguém fez tão pouco para conseguir esse *status*. Bolsonaro é uma imagem santificada e apaixonada, seus seguidores, dotados de pouca coerência política, de malícia, ódio ou interesse, são capazes de qualquer atrocidade para defender seu deus. Essa santificação não ocorre à toa. Bolsonaro é um império de valores adormecidos; valores e forças fascistas que são geradas em cada indivíduo e que parecem aflorar nesse cenário. Assim, nasce um novo líder populista, porém, esse terá provável vida curta, o populismo da direita é sempre desmascarado pela atuação política, parte dos mais pobres que embarcou nessas narrativas perceberá a atuação contrária a seus interesses. Mesmo que o apresso por Bolsonaro os faça demorar mais para assumir, ainda serão engolidos pela realidade. Haverá, porém, os bolsonaristas mais fiéis, aqueles que se alimentaram mais pelo interesse no discurso de ódio do que nas pautas econômicas, esses, sim, continuarão existindo e deverão ser desarticulados democraticamente. O bolsonarismo é uma ideia fascista que acompanhará o Brasil a partir de agora.

Contudo, percebemos que através das mentiras e do ódio, uma figura inesperada tornou-se meme e o meme tornou-se presidente. As duas figuras continuarão a se misturar enquanto houver sombra de um petismo, principalmente na medida em que esse grupo atuar como oposição. Bolsonaro é um Deus que se replica rapidamente no vácuo intelectual. Se o gigante fascista acordou em 2013 com as redes sociais, é completamente compreensível que sua consequência política seja a eleição de um personagem em *mimema*. O meme traz consigo um delírio político, no qual os partícipes são incapazes de julgar o bem e o mal, o certo e o errado; tudo

pode ser aceito. Atitudes idênticas ou até piores que as do PT são aceitas se cometidas por Bolsonaro, suas mensagens sobre não querer buscar o filho na Papuda, as acusações de envolvimento em caixa 2, de lavagem e desvio de dinheiro através de um motorista da família, as acusações de lavagem de dinheiro da JBS, as acusações de funcionário fantasma, e também o suposto envolvimento do irmão pela mesma atividade ilícita na Alesp, de onde receberia salário de R$ 17.000,00 sem ao menos frequentar o local. Nenhuma dessas acusações de possíveis envolvimentos ilícitos parecem importar como importam as acusações à outros representantes. Também não se incomodam que um ator pornô gay represente-os, mesmo que sejam declaradamente contra o que chamam de "ideologia de gênero". Pessoas apaixonadas acabam por fazer qualquer coisa para se aproximarem do objeto de sua paixão, mesmo que isso desafie a sensatez. A paixão é, em certo nível, delirante e embora isso seja apreciável nas relações pessoais, na política isso é problemático. A paixão dos bolsonaristas pela figura do meme os deixa passivos e qualquer questão que possa contrariar o objeto de sua paixão é fortemente repreendido, mesmo que isso seja explicitamente irracional e visivelmente fora da realidade. Os bolsonaristas são, antes de tudo, fascistas apaixonados.

Pesa contra Bolsonaro acusações de corrupção piores do que qualquer um dos outros presidenciáveis da última eleição, além de suas declarações sobre sonegar impostos e de um possível roubo a um cofre, escândalo deflagrado pela ex-esposa durante o processo de separação. Caberá as investigações apontarem para a realidade dos fatos, se essas forem realmente realizadas. No delírio não há solidez, não há lógicas nem regularidades, assim vivem os bolsonaristas. Sentem aversão à lógica e vivem do desprezo intelectual.

A paixão causa um efeito atípico. Ao eleger um representante político, essa figura está sujeita às críticas, às pressões sociais e pode facilmente tornar-se impopular se constatados desvios de conduta. Porém, quando há delírio, a visão torna-se turva e mesmo que salte aos olhos as contradições acerca da idoneidade do meme, as vítimas serão incapazes de enxergar. Esse endeusamento só foi possível através do declínio das mídias tradicionais. A atividade dos membros de redes sociais fomenta com mais facilidade as ideias de massas; as notícias são respondidas com opiniões, os eventos políticos e sociais estão sujeitos às respostas do público e um membro arma outro de opinião parecida, assim, os discursos se difundem e as opiniões tornam-se incontroláveis. Embora nas mídias tradicionais as informações se sujeitem ao espectador, estes não espalham suas críticas em massa e são incapazes de criar verdades. Porém, especificamente sobre a participação das redes sociais, falarei quando tratar das modulações, no capítulo sobre a sociedade de controle.

5

SOCIEDADE DE CONTROLE, FASCISMO E O MEME

Neste capítulo, adentrarei mais a discussão filosófica, mesmo que de forma abrangente e sem grande rigor, para demonstrar como a eleição do meme é efeito das modulações da sociedade de controle[33]. Assim, tratarei primeiro dos conceitos para depois estabelecer a problemática. Ressalto que essa problemática não é resultado de um pensamento político individual, compartilho esse problema com os amigos da filosofia da diferença, vieram deles importantíssimas indagações aqui presentes.

O filósofo Gilles Deleuze anuncia no final do *Conversações*[34] a passagem da sociedade disciplinar conceituada por Foucault para um novo regime de poder, o que entende como sociedade de controle. Identificaremos elementos que marcam essa passagem de um regime de poder ao outro.

33. Trecho deste capítulo é parte de um trabalho apresentado durante meu período de graduação na disciplina de filosofia contemporânea.
34. *Conversações* é um livro de entrevista realizada com Deleuze e publicado cinco anos antes de sua morte que ocorreu em 1995.

Para compreender a sociedade de controle em Deleuze, é necessário entender, mesmo que brevemente, o conceito foucaultiano de sociedade disciplinar. Nessa sociedade, Foucault demonstra como as instituições trabalham para um processo de subjetivação, fazendo com que as subjetividades sejam fragmentadas e flexíveis aos poderes sobre os quais são colocados; sociedade na qual as regras ou leis atuam de maneira interna, de forma que cada instituição é constituída por leis próprias, que independem de outras. As instituições são espaços limitados de poder que determinam as ações e os pensamentos. Por exemplo, João age de maneira Y em uma instituição e de maneira X em outra, ou seja, a sua subjetividade é determinada pelo espaço de poder em que é colocado. Assim, diferenciamos as instituições através das regras, isto é: a instituição igreja determina que em seu espaço deva ocorrer determinadas atividades religiosas como orações, enquanto na instituição universidade, tais práticas devem ser inibidas para garantir a laicidade do espaço. Ou seja, enquanto na instituição igreja se faz orações, pregações e afins, na instituição universidade se faz leituras, estudos, discussões e afins, o que acontece em uma instituição não ocorre em outra, assim o espaço de uma tem regras próprias e distintas de outra instituição. Este exemplo pode parecer inapropriado quando percebemos que cada vez menos isso ocorre, que cada vez mais instituições universitárias são invadias pelos valores religiosos. Tratando-se do Brasil, principalmente os de cunho cristão. Porém, é exatamente este movimento que marca a passagem do regime disciplinar para o regime de controle. Ao que foi dito anteriormente acresce-se que assim como os valores da instituição igreja adentram a instituição universidade, o contrário também ocorre. Na verdade, a passagem da sociedade disciplinar para a

sociedade de controle se faz exatamente na inconsistência das instituições, na permeação de regras de umas às outras, que culminam em subjetivações menos determinantes. A sociedade de controle, portanto, começa a apresentar-se na perda de força das instituições. Dessa forma, quanto menos elas estabelecem regras internas e mais são influenciadas por forças exteriores, menos formadoras elas serão. A sociedade de controle é um regime no qual os espaços de poder limitados perdem força. Assim, o que antes estava à margem de uma instituição, é por ela incluída como regra ou lei, e o que é lei nessa instituição torna-se lei também em outras. Nesse sentindo, os espaços internos se expandem, na medida em que mais elementos passam a constituí-lo, exterminando os espaços até então externos, caminhando dos espaços limitados para grandes esferas de poder. Permitam-me ilustrar tal constatação através das figuras abaixo:

1. Sociedade Disciplinar.
A) Existem espaços fechados onde o poder circula.
B) Tais espaços dão forma (determinam) às subjetividades.

2. Sociedade de Controle.
A) Espaços abertos de poder.
B) Tais espaços modulam às subjetividades.

Portanto, a sociedade de controle, é o regime onde o poder deixa de andar em um espaço interno para vigorar amplamente, sem limites pré-estabelecidos. Assim, podemos afirmar que o processo de passagem da sociedade disciplinar para a sociedade de controle é, ao mesmo tempo, um processo de universalização. Os espaços externos estão deixando de existir; estão sendo engolidos pelo advento da inclusão. Nesse fenômeno, encontra-se a sensação de liberdade que a militância de esquerda das últimas décadas acredita ter conquistado e que em certo nível realmente conquistou. Porém, ocorre que esses crentes de ideologias como o marxismo, esquecem-se de fazer o que o próprio Marx propõe: revoluções; e se sentem satisfeitos quando veem que os grupos que acreditam existir são representados em espaços abertos de poder. A sensação de liberdade e conquista são as anestesias que os mantém lendo as palavras da salvação marxista e dando glórias ao vosso senhor.

A minha intenção neste trecho é demonstrar que a sociedade de controle, enquanto um processo de universalização, tem como um dos fatores, o movimento da esquerda nas últimas década. Elas foram de extrema importância nas sociedades disciplinares, porém é preciso repensá-las nesse novo regime de poder que se apresenta.[35] O socialismo

35. Esse problema não é apenas meu, é um problema que compartilho

representativo e o marxismo são importantíssimos para o pensamento revolucionário, porém é necessário reinventá-los e não consumi-los passivamente como quem lê a bíblia.

Cabe, agora, demonstrar elementos que marcam, de uma maneira prática, a passagem da sociedade disciplinar para a sociedade de controle. São muitos, como, por exemplo, a flexibilização do trabalho, onde a instituição perde força. Ora, trabalhar em casa sem a possibilidade de vigilância e punição do espaço de trabalho, demonstra que os regimes que se baseiam em vigiar e punir perdem força. Nesse aspecto, pontuo novamente a sociedade de controle como resultado de forças de resistência que em outro momento lutou pelos direitos de fazer o que agora é permitido em relação ao trabalho. Mas essa é só uma imagem entre tantas; as modulações que substituem as formações podem ser vistas nos vários efeitos da inclusão que deixam de determinar as ações: GPS em celulares, cadastros do CPF às compras, criação de perfis em redes sociais, campanhas publicitárias que visam incluir os mais variados grupos, a flexibilização das penas em presidiários (regime aberto), entre outros exemplos.

Todos os elementos acima comungam em um aspecto: a criação de um perfil correspondente a cada indivíduo. É isso que substitui as formações, alguém que na sociedade disciplinar seria determinado por várias instituições e teria de agir segundo as regras delas, na sociedade de controle, será observado e aparentemente não sofrerá nenhuma intervenção, ressalto, aparentemente, pois na prática não é que ocorre.

com os amigos que estudam a filosofia da diferença. Embora seja uma perspectiva individual, a problemática me veio das aulas de um grande mestre e amigo e com os outros amigos de filosofia. Portanto, não quero me passar por charlatão ou alguém que não deu os devidos créditos a quem realmente merece. Esse problema é nosso, meus amigos, e aqui me esforço para discuti-lo.

A sociedade de controle é capaz de modular os indivíduos, de fazê-los agir, sentir e buscar. É por isso que acima me referi a este regime de poder como uma sensação de liberdade e não necessariamente como experimentação dela.

O exemplo que explica bem esse movimento tratado por Deleuze é o do mercado publicitário. Vou ilustrar usando como exemplo as cervejarias. Uma das maiores cervejarias do Brasil, talvez de outras regiões também, é proprietária de 26 marcas diferentes de cervejas ou *chopps*, 26 imagens criadas para satisfazer um único interesse econômico (de um único grupo), 26 segmentos distintos para agradar a 26 grupos distintos da sociedade.

Usarei como exemplo, duas populares, as marcas B e S. Não é difícil ouvir nos botecos a discussão sobre qual a melhor marca e pode ser que a discussão passe pelo crivo do gosto e cheguem a discutir qual o melhor sabor, mas o foco desse tipo debate acaba sempre decaindo sobre a imagem criada. Percebam, no ano de 2017, as investidas das duas marcas foram completamente diferentes, enquanto uma delas ainda mantém em seus comerciais mulheres com grandes decotes servindo homens de bermudas e chinelos, a outra priorizou uma discussão sobre inclusão, tendo como lema, inclusive, "redondo é sair do seu quadrado", chamando os consumidores para saírem de seus espaços e respeitarem as diferenças.

Esse contraste aponta para o advento da inclusão presente na sociedade de controle e demonstra como é facilmente aceito pelo público. Os que acreditam nas diferenças e até mesmo os que realmente aceitam, no auge da hipocrisia, compartilham pelas redes sociais as propagandas "diferentonas" de uma marca e comemoram quando a mesma exibe em seuscomerciaiscertosapoiosàsminorias. Porém, esquecem-se

de que do outro lado, na propaganda possivelmente conservadora da outra, existe apenas um público diferente sustentando o mesmo grupo que a marca "desconstruidona".

Desse modo, através do mercado publicitário, percebemos que os indivíduos que na sociedade disciplinar estavam fora da instituição, na sociedade de controle são incluídos e através da decadência das instituições, tornam-se consumidores. Ou seja, ao passo que não há como diferenciar os espaços externos e internos, os que antes eram marginalizados, agora são incluídos. Se antes a bandeira LGBTQ era marginalizada, agora é consumida.

A política conciliatória de Lula corresponde bem a esse fenômeno. A ascensão das classes trabalhadoras durante os governos petistas, principalmente nos primeiros mandatos, na verdade, é resultado de uma política que visa incluir para vender. Fazem os mais pobres consumirem, ao invés de crescerem economicamente. Assim, eles continuam alimentando o mercado financeiro, mas através da exploração do consumo e menos da exploração da mão de obra, essa é uma das principais características da política conciliatória de Lula. Fazem dos mais pobres consumidores, tornando os ricos ainda mais ricos. É um modelo que esbarra no limite do crescimento econômico, até que ponto pode os mais pobres emergirem sem comprometer a economia conciliatória? Qual o limite do consumo? Quando esse limite é atingido, o que acontece?

Diferentemente das instituições que exerciam subjetivações, na sociedade de controle, ocorrem as modulações. As pessoas que antes eram excluídas, agora fazem parte do mesmo grande grupo.

Por isso, na medida em que lutamos pela inclusão, lutamos a caminho da expansão da sociedade de controle.

Não cabe nesse novo regime forçar que as pessoas ajam de determinadas maneiras, é mais viável deixá-las agir como quiserem, coletar informações, montar um perfil individual e, assim, modulá-la, colocar nela gostos e oferecer produtos compatíveis com o perfil. É inegável que a sensação de liberdade desse regime faz passar despercebido um grande, talvez o maior, processo de universalização pelo qual passamos, no qual a inclusão alimenta ainda mais um sistema do qual, sabemos, é um monstro consumidor financeiro.

A modulação, portanto, é uma forma de aguçar os gostos. Ao invés de impor que uma regra seja cumprida, entende-se que tipo de regra é facilmente aceita ou desejada e só então é instituída como regra. Da mesma maneira, ao invés de impor uma compra, espionam-se os indivíduos de todas as maneiras possíveis para criar um perfil personalizado, assim, fica mais fácil identificar o que pode ser vendido para cada público e, mais do que isso, para cada indivíduo. A disciplina forma, o controle modula. A modulação não restringe, ela acompanha e se apresenta conforme os gostos, as vontades e os direitos conquistados. É por isso que a modulação casa perfeitamente com o modelo representativo, criam-se representações individuais capazes de identificar as posições, opiniões e gostos individuais, dessa forma, cria-se um produto que venda para esse público, ou seja, acompanham-se os gostos individuais. O meme eleito presidente é um produto que através das representações, identificou as necessidades do fascismo e do senso comum.

A partir de modulações da sociedade de controle, a eleição do meme tornou-se possível, ou seja, sua eleição é um tipo de modulação. Nesse modelo não se impõem os ideais políticos, propagam-se; porém, visivelmente, um resultado dessa propagação é o fascismo, que posteriormente busca

impor certos valores. Portanto, a modulação não isenta a geração do fascismo, pelo contrário, o desejo pelos valores universais vai ao encontro do fascismo. Essa modulação em específico carrega grande apreço pelo autoritarismo. Mesmo que pareçam posições necessariamente contraditórias, entendo que uma das crises políticas que culminaram no crescimento da direita fascista foi exatamente o vácuo deixado pela crise das instituições, a falta de segurança dos grandes espaços de poder pareceram culminar em uma busca por autoridades, por solidez, sobre esse tema, tratei anteriormente.

Os disparos de mensagens de WhatsApp na recente campanha eleitoral brasileira são reflexos políticos da sociedade de controle. Na última eleição dos EUA, o aplicativo de mensagens teve papel importante e decisivo, assim como no Brasil. É muito provável que esse modelo de modulação seja levado também para outros países. A esquerda ainda encontra-se despreparada para reagir contra esse novo fenômeno político, por isso é importante, sobretudo, reconhecê-lo.

A modulação antipetista tem início na grande mídia, até então, maior interessada em condenar Lula, Dilma e qualquer outro político do partido, porém, nos períodos que antecederam as eleições, as modulações ganharam força nas redes sociais, principalmente no WhatsApp. A grande diferença entre a mídia digital (rádios, TVs etc) e a mídia social é que na primeira, há uma passividade do espectador, enquan- to na segunda, há plena atividade. No rádio e na TV, a única maneira de interação possível é ouvir e assistir ao conteúdo, já nas redes sociais pode-se reagir ativamente, espalhar mensagens, comentar, brigar e, por último, fazer das opiniões, verdades que se passam até mesmo por notícias. Esse fenômeno é chamado pela *social media* de engajamento.

Se a mídia tradicional alimentou o gigante fascista, foi com o complemento das redes sociais que o meme tomou grandes proporções. A revolta assistida passivamente na TV foi exposta ativamente nas redes sociais, enquanto as *fake news* eram espalhadas por grupos de redes sociais. Nos aplicativos de conversa o assunto não poderia ser outro, as mensagens, notícias falsas, correntes e comentários raivosos também não. As eleições de 2018 foram um espetáculo do ódio, é uma rachadura entre os fascistas e os cidadãos comuns que podem ou não ter votado no atual presidente. Contudo, um meme não poderia ser eleito de outra maneira que não fosse com auxílio das redes sociais, esse é mais um dos motivos pelo qual Bolsonaro pode ser tratado como tal.

Uma proposta é, em certo nível, um plano apresentado e que precisa convencer. Basicamente, o período eleitoral é o momento em que esses planos são expostos e os melhores são eleitos. Porém, memes não precisam propor, eles só precisam causar. O que faz o efeito em *mimema* é a duplicação e isso não ocorre com planos, mas sim com discursos, é por isso que o papel dos marqueteiros é mais importante que qualquer outro papel na política, é mais importante que as próprias propostas. E isso se aplica a todos os políticos.

Através das notícias falsas, Bolsonaro causou raiva, repulsa, ódio, violência, um verdadeiro sentimento fascista, enquanto os outros candidatos propunham pelo menos em algum período entre as trocas de ofensas. Quem votou em Bolsonaro não votou porque concorda que o salário mínimo deve deixar de ser obrigatório, que a idade mínima de aposentadoria deve ser de 64 ou 62 anos, ou que as dívidas dos bilionários ruralistas precisam ser perdoadas, votaram com medo de que seus filhos tenham que usar mamadeiras com formatos de genitais. A modulação bolsonarista foi

feita através de mentiras. Através da fragilidade e da ignorância de muitos, as *fake news* modularam seus pensamentos para o ódio. Ser de bem agora é ter uma arma e assassinar quem pensa diferente. Ser de bem é "fuzilar as petralhadas", "expulsar os bandidos vermelhos" e fazer mais Marielles e mestres Moas. (Quando o texto foi escrito, ainda não havia acontecido o lamentável massacre em Suzano)

Bolsonaro é um meme, pois foi eleito pelo personagem que criou e não por suas propostas. Dessa forma, as medidas impopulares demorarão um pouco mais para comprometer seu governo, desde que mantenha a postura de falastrão.

A modulação é caracterizada por um acompanhamento dos gostos e posições, por isso, embora tenha discurso com características autoritárias, não foi pelo autoritarismo que Bolsonaro se elegeu. Seu discurso que expressa autoritarismo o fez crescer, mas isso só foi possível por não agir em coerência a esses pensamentos. A modulação acompanha em vez de impor, Bolsonaro acompanha a maioria e impõe às minorias. Mas essa leitura ainda é rasa, já que a maioria é composta por trabalhadores e classes mais pobres, a modulação não é apenas passiva, ela se posiciona, ela vende uma ideia. Assim, os mais pobres foram convencidos de que deveriam embarcar no fascismo bolsonarista. Com isso, os trabalhadores, que agora se aposentarão ainda mais tarde e podem ter o direito ao salário mínimo destituído, foram convencidos de que seu antagonismo era real e de que as ameaças também. O bolsonarismo não determina, ele se apresenta, acompanha o ódio, alimenta-o com mentiras e se vende como a solução, assim, um impositor se apresenta sem impor. Ao menos na leitura metodológica. Bolsonaro se prestou ao serviço de ocupar o sentimento fascista presente nos brasileiros e estimular este sentimento aos menos instruídos e mais vulneráveis a seu discurso.

As redes sociais duplicaram o personagem a ponto de ele chegar à eleição, e como sua ascensão dependia estritamente do ódio ao petismo, as *fake news* foram decisivas para manter sua figura heroica contra a ameaça comunista. Mamadeiras com genitais, bandeira vermelha, Cuba, Venezuela, foro de São Paulo, satanismo, kit gay e tantas outras farsas alimentaram a mentirosa ameaça comunista. Nas redes sociais, as diferenças políticas transformaram-se em ódio desenfreado, em fascismo escancarado com direito a assassinatos, agressões, gestos violentos na presença de crianças e até mesmo armamento em frente às urnas. Aliás, sobre as urnas, eram falsas até Bolsonaro ser eleito. É evidente que o figurão não acredita em nenhuma dessas imagens conspiratórias, mas o marketing político sabe das necessidades e pensamentos individuais, assim, criaram um meme compatível com as opiniões individuais e alimentaram o ódio ao PT que começava a decair.

Entre *fake news* e meias verdades escabrosas. O fato político decisivo durante o período eleitoral foi a facada política sofrida pelo então candidato. A temática poderia ser foco de uma pesquisa extensa e deve ser tratada pela história. Assim como a queda do avião de Eduardo Campos em 2014 colocou Marina à frente nas pesquisas, a facada em Bolsonaro teve efeito parecido. A compaixão seletiva de muitos brasileiros, foi decisiva para a eleição de Jair, foi ali, que todas as ameaças comunistas se consolidaram, toda a "verdade" vinha a tona, o mito sofria um atentado dos comunistas, dos corruptos, dos satanistas, dos gays, dos negros, dos criminosos. Essa foi a narrativa que decidiu a eleição de Bolsonaro e consolidou seu discurso, era uma facada contra a mudança do sistema. É inegável o uso político e a sustentação das *fake news* através do ocorrido, já que ela teria sido causada por "tudo isso daí".

A facada confirmou as teorias conspiratórias de Bolsonaro, um ataque pessoalmente trágico e politicamente conveniente.

Há teorias entre mídias independentes que sugerem que o acontecido, na verdade foi uma ação montada para encobrir uma doença que o presidente teria há meses, teorizam que a cirurgia teria que ser feita para combater uma doença grave, não me surpreenderia se essas teses carregassem alguma verdade, dado o monopólio da informação nas grandes mídias. Notícias destorcidas ou até mesmo montadas já foram realizadas várias vezes ao longo de nossa história política, porém, não podemos endossar esse tipo de teoria sem que haja dados mais concretos e uma avaliação técnica responsável e que fuja do puro interesse político. Assim, independente do que tenha ocorrido no dia 06 de setembro de 2018 factualmente, sabemos que politicamente foi um atentado contra a vida de um presidenciável, é assim que a notícia foi recebida pelos eleitores, é assim que devemos considerá-la. O direito à dúvida é garantido para todos, independente do espectro político, aliás, é com essa dúvida que as *fake news* se propagaram, mas independente do tamanho das teorias ou do quão absurdo elas pareçam, precisamos nos ater aos fatos políticos e indubitáveis. Embora factualmente seja passível de dúvidas, politicamente, Bolsonaro foi esfaqueado durante o período eleitoral por inimigos políticos.

Portanto, as *fake news* alimentaram os usuários das redes sociais e o ódio contra o petismo cresceu e se propagou, por outro lado, o meme se vestia como o grande antagônico, a narrativa estava construída, a modulação se consolidava. Tamanho foi o êxito que o meme foi eleito presidente da República Brasileira em outubro de 2018.

A tendência de declínio das instituições chega fortemente com o novo governo. O vice de Bolsonaro, que ainda

protagonizará grandes articulações políticas de natureza dúbia, principalmente nos momentos de crise, já avisa que quer desmanchar o Estado Brasileiro[36]. Trata-se da acentuação do estágio de passagem da sociedade disciplinar para a sociedade de controle. O Estado como instituição política perde força, a economia capitalista se sobrepõe aos interesses do povo. É um aceno para um capitalismo que engole todas as instituições, inclusive, o Estado. A gravidade desse problema é tão grande, que preocupa até mesmo os movimentos revolucionários que pretendem destituir o Estado como organização política.

A contribuição foucaultiana sobre as relações de poder são importantíssimas para a leitura política realizada até aqui. Fomos condicionados a pensar o poder como propriedade, porém, concordo com Foucault quando afirma que o poder só existe em relação[37]. O poder não é uma estrutura tangível que pode ser pega, movida, transferida ou representada, ninguém o detém, ninguém o empresta, ninguém o terceiriza, o poder se faz, o poder acontece e só é enquanto acontecimento. Esse entendimento polêmico e caro para a leitura teórico-política tem como consequência uma atividade até então negada pela tradição filosófica. Se o poder não pode ter proprietário, o Estado é apenas uma das incontáveis relações de poder existentes. Assim, o poder de legislar sobre a vida, a morte, a penalidade, entre outros não se limitam a estrutura do Estado e tão pouco sua condenação é suficiente para um controle efetivo. As relações de poder acontecem dentro e fora

36. https://www.valor.com.br/politica/6041053/governo-fara-desmanche-do-estado-diz-mourao

37. Esse entendimento pode ser encontrado em Em Defesa da Sociedade, 2005, Martins Fontes, São Paulo. A compreensão da temática só me foi possível através das aulas de filosofia de um grande amigo, que não citarei para preservá-lo.

do Estado, e pela dificuldade em diferenciar dentro e o fora na contemporaneidade, prefiro dizer que o poder ocorre em relação ao Estado ou não. Os poderes têm força, portanto, ainda cabe dizer que o poder do Estado pode e acaba sendo maior que a de um cidadão e que as decisões políticas podem influenciar na vida civil, talvez mais do que as relações estabelecidas entre os próprios civis e além do Estado. Portanto, entender o poder como relação não destitui a força opressora do Estado, mas, responsabiliza as microrrelações pelas atribuições que lhe foram retiradas ao longo da história da filosofia política.

O fascismo é um tipo de poder que deseja suprimir a diferença. É uma mistura de ignorância e ódio, ignorância por não entender a diferença como regente da vida política e ódio por além de não entender, não suportar a diferença dada. Assim, o fascista é indiferente à realidade alheia e seus valores devem ser absolutos. O cristianismo é fascista quando tenta determinar seus valores e suprimir as diferenças, ao catequizar os povos nômades, impedir que mulheres abortem devido a seu conceito de vida, dificultar o uso determinadas drogas – estes são exemplos de divergências éticas que culminam em um conflito fascista. O cristão tende a acreditar que Deus o criou da mesma maneira que criou o outro, assim, seu valor serve para ele e para outro, visivelmente uma inflexibilidade superficial e caricata da realidade.

Existem exemplos mais práticos e políticos como o Nazismo, movimento de extrema direita que visava impor valores nacionalistas e suprimir os diferentes, aparar as arestas da realidade e viver um utópico inferno branco. É por isso que o antifascismo é, antes de tudo, uma luta contra a indiferença, é uma luta pela diferença. Os valores não devem ser absolutos e é necessário expressar resistência perante

as relações de poder fascista, seja na relação microcivil ou na relação com o Estado, deve-se erguer uma resistência pela diferença.

Se o poder não depende do Estado e o fascismo é um tipo de poder, o fascismo também não depende do Estado para existir. Assim, o fascismo é como um gene presente nas microrrelações e que aflora em momentos de grandes crises. O Estado Bolsonarista caminha para ser o mais fascista de todos os Estados brasileiros desde a nova Constituição, porém, o bolsonarismo não é apenas um regime de poder do Estado, aliás, dado a insipiência político-econômica do meme e seu despreparo, talvez devêssemos nos preocupar menos com ele, que exercerá no máximo um mandato ou possivelmente menos, e nos atentarmos ao regime bolsonarista na sociedade civil. Não é com a queda do meme que conseguiremos vencer esse evento político, o fascismo não se derrota nas urnas e não será através de um coronel progressista, de um metalúrgico de políticas conciliatórias que os valores democráticos será restabelecidos, por mais democrático que o governo de um ou de outro possa ser. As microações se fazem necessárias, é preciso ser intolerante com a indiferença. Não podemos admitir o fascismo de um presidente, mas é necessário combater o fascismo em todas suas manifestações, principalmente aquela que se apresenta nas relações cotidianas.

Se o combate ao fascismo não cabe nas urnas, a luta antifascista deve acontecer principalmente fora delas. A eleição do meme é mais que a falência do modelo representativo, é o diagnóstico de como uma sociedade deseja ser representada, de forma que a falência está contida no êxito. Portanto, o fascismo existe no Estado tanto quanto na sociedade, e a queda do Estado é a queda de uma entre tantas relações de poder fascista. Acontece que a esquerda em geral não percebeu esse

movimento e parece defender as instituições de forma conservadora, mais do que a própria direita, assim, a esquerda tem lutado pelo poder institucional, enquanto o fascismo se apresenta nas ruas. Acreditam que ainda é possível executar uma política de esquerda por meio da dominação e do poder do Estado, sob o crivo da revolução comunista ou de ideais similares e igualmente revolucionários. A esquerda latina se acomoda em teorias revolucionárias que já não parecem tão revolucionárias assim, falta-nos o ímpeto de revolucionar os próprios conceitos de esquerda.

É necessário romper com esse modelo e pensar a resistência por um viés que não dependa da ocupação do Estado, é preciso romper com o pensamento institucionalizado, inclusive da própria academia, mas a desterritorialização do Estado não pode ocorrer sem a territorialização de outro espaço, se resistirmos dessa forma, rapidamente perderemos qualquer chance de nos organizar fora do Estado. Não há receitas, é momento de pensar, mas para isso, deveríamos estar mais pertos de tocar nesse problema, ao invés de investir todos os esforços na representação.

Se chegamos perto de uma verdadeira mudança estrutural na sociedade política da última década foi em 2013, a contraposição às instituições eram unânimes entre os membros do movimento, porém, houve uma abrupta canalização da direita de onde nasceu o gigante, como já expus.

Se o crescimento do fascismo é reação das crises econômicas recentes e tornou-se tendência mundial, é inconcebível que continuemos concentrando forças em lidar com a representação sem pensar em outras formas de resistência. Insistir nesse modelo é abrir espaço para o crescimento do fascismo dentro da própria esquerda, que ao lutar pela representação, tenta institucionalizar seus valores em uma sociedade visivelmente reacionária.

Se economicamente é incoerência que os mais pobres apoiem governos de direita, socialmente é mais conveniente para o senso comum apoiar governos que não contraponham suas verdades absolutas. Assim, os grupos de menor poder aquisitivo são de direita na medida em que a leitura simples da própria realidade os atravessa, seja com o bolsonarismo ou com outros exemplos de populistas de direita. A direita e esquerda não são apenas pautas econômicas, mas também sociais e por mais que se colidam, há ainda uma grande distinção política entre ambas. Assim, afirmar que ser de direita é pura falta de educação, é um argumento raso e atribui a esse setor uma função ideológica, é compreensível que os pobres bem educados se identifiquem com a direita tanto quanto com a esquerda, se insistirmos nesse argumento seguiremos agindo como professores teóricos de questões práticas. As ideologias não estão no campo discursivo. Lembremos: todo bolsonarista é necessariamente fascista, porém, ser bolsonarista é diferente de ser eleitor de Bolsonaro, ambas as coisas não estão necessariamente ligadas. O ato do voto pode ser entendido na simplicidade de apertar de botão, os eleitores do Bolsonaro não são necessariamente fascistas, existem os desentendidos que não foram pegos pela propagação bolsonarista e que ainda assim votou no meme.

Ser eleitor pode significar unicamente ter votado em um candidato A ou B, mesmo que seus pensamentos não tenham ligação alguma com as propostas de um ou outro. Existem pessoas que votam por conta do papel que viu na rua, na compra de votos, porque o vizinho falou ou mesmo aqueles que apertaram um número sem nenhum tipo de pensamento sobre o assunto, isso é comum em um país que obriga seus cidadãos a votarem.

Outra questão é que Bolsonaro é uma figura pop, tanto

quanto músicos e artistas e, no advento do meme, convence sem ao menos apresentar propostas, aliás, isso é o que o presidente menos fez. Portanto, ser bolsonarista é pensar como o meme, é agir de forma raivosa, é odiar a diferença e apreciar a supressão da mesma. Seu pai, avô, avó ou primo que votaram no meme não são necessariamente fascistas.

Para resolver facilmente esse problema, podemos entender que os fascistas são os que votam em Bolsonaro cientes de seus ideais. Do empresário que vê a oportunidade de roubar os ovos da galinha através do meme, até o adolescente que vestiu a camisa de seu mito por convergir com seus pensamentos, não há dúvidas de que o que há é fascismo, porém, entre os despolitizados que votaram por simples avulsão, há aqueles que sequer sabem o que o meme defende. Por isso, podemos afirmar que todo bolsonarista potencialmente é fascista, porém, nem todo eleitor do meme é um bolsonarista. Portanto, nem todo eleitor de Bolsonaro é fascista, ainda que grande parte o seja. Para melhorar ainda mais essa proposição, o fascismo não é uma entidade passível de ser, é uma relação que se faz, portanto, o fascismo desses eleitores avulsos às propostas podem estar mais ligados a um sentimento do que a um ideal. Novamente, muitos dos eleitores de Bolsonaro não são monstros fascistas. Por outro lado, os eleitores de seus opositores não são monstros comunistas.

O fascismo não é apenas uma manifestação política, é também um sentimento e é assim que a sociedade brasileira tem se sentido.

Os aparatos de resistência precisam de renovação, passar de um estágio representativo para um que expresse as vontades individuais com mais precisão e justiça. É necessário repensar a esquerda, não apenas com autocrítica. Elas são é um tipo de crítica direcionada a si, que sai de si, não é uma visão

externa, é uma ótica interiorizada e determinada por valores já existentes, é preciso romper momentaneamente com esses valores, é preciso refundamentar a esquerda enquanto movimento de resistência, revolução, luta trabalhista, artística e intelectual e finalmente sair do comodismo representativo e do reformismo político partidário. Isso não ocorre através de uma mente brilhante que nos dirá o que fazer, essa é uma imagem dogmática e ainda representativa. Não podemos esperar o Messias, visivelmente ele já veio e com interesses e valores bem distintos dos nossos.

Contudo, podemos afirmar que o bolsonarismo é uma modulação da sociedade de controle, uma crescente fascista, uma reação odiosa e violenta e tudo isso se propaga através da política do desprezo intelectual. Nesse espectro, é mais do que necessário uma resistência que fuja das modulações e que reaja contra o fascismo em todas suas manifestações. Se o fascismo é problema social e se apresenta nas microrrelações, não será por vias eleitorais que será vencido, se o fascismo é a representação mais fiel da indiferença, sejamos diferentes.

6

AS CRISES DE UM MEME

Neste capítulo, apresentarei as iminentes e possíveis crises do meme. Todos os memes têm duração e começam a desaparecer de acordo com sua incapacidade de replicação. O meme objeto desta obra deve seu efeito em *mimema* ao antipetismo, por esse motivo, é vital para sua existência manter em seu governo uma política de ódio ao PT, além de manter viva a falsa ameaça comunista.

Desalinhar-se do principal fator que fez do meme presidente seria um erro fatal, pois esse ódio fez das pessoas, delirantes políticos, que não conseguem distinguir realidade e ficção, que se apresentam em um fetichismo autoritário e que podem defender com unhas e dentes possíveis casos de corrupção do novo governo. O caso Queiroz não incomoda os bolsonaristas como o mensalão não incomodou os petistas. Essa idolatria doentia e raivosa deverá ser bem aproveitada pelo Governo Bolsonaro, definitivamente, toda e qualquer questão impopular será jogada nas costas dos Governos Lula

e Dilma. Dançarão sobre os dois moribundos até que a carniça seque totalmente, isso deve demorar a ocorrer e poderá anestesiar parte significativa dos brasileiros. Porém, terá um fim e a massa perceberá que as crises sociais poderiam ser evitadas, que Bolsonaro não é minimamente nacionalista, que as reformas previdenciárias poderiam não ser realizadas, perceberão que toda a crise será gerada por tomadas inconsequentes e entreguistas e que isso em nada pesa a culpa dos governos anteriores, pelo contrário, é o tipo de política anunciada há tempos por Bolsonaro, mas que seus fãs, cegos, não conseguem enxergar.

Essa retomada de consciência possivelmente não demorará tempo suficiente para uma reeleição, e é provável que seja acentuada nos dois primeiros anos de governo através de golpes internos, desvios de autoridades, de interesses e os mais escandalosos casos de corrupção. As iminentes crises na educação e na saúde também podem acentuar esse cenário. Identicamente, a atividade militar no governo pode acentuar crises internas, e a esquerda precisa se atentar a cada movimento imprevisível desses personagens políticos.

Bolsonaro tem características democraticamente desprezíveis e essas indagações só não pesam agora pela sua configuração moral de salvador da pátria. Com o desgaste no governo, o mito tende a se desmitificar e os fantasmas de seus discursos podem assombrar a popularidade do governo, principalmente entre os eleitores mais deslocados e que votaram sem apoiar suas pautas.

A desmistificação pode iniciar com suas escolhas econômicas, se errar nessa pauta, dificilmente conseguirá terminar um mandato, esse é o principal fator que definirá o tempo de sobrevivência de seu governo. Com "errar", refiro-me ao iminente entreguismo barato e incapaz de controlar a

inflação e potencializar o PIB. É por isso que meu diagnóstico pende mais para uma crise econômica do que por uma regulação da economia. Porém, o mercado é estritamente liberal e qualquer governo que abra as pernas para esse tipo de sistema tende a estabilizar a economia. Por mais que a sociedade brasileira se identifique com certas representações fascistas e por mais esteja tomada pela ignorância política e individualista, pode não se sentir satisfeita com certas recessões. As pessoas são incapazes de perceber que o direito é conquista e que nenhum direito é inato; direitos trabalhistas, saúde e educação pública são conquistas recentes no espectro da história política e estão colocadas em xeque. O direito à liberdade de imprensa e à liberdade de expressão também, e se soubessem das propostas de Bolsonaro nesse campo, jamais votariam.

O meme foi eleito pelo seu personagem e não por suas propostas, a massa brasileira jamais aceitaria as atrocidades de seus planos, se expostos com clareza. Na escuridão do plano Bolsonaro está um empresariado faminto e que dificilmente conseguirá conter o desejo pelo estupro coletivo: direitos trabalhistas sendo aniquilados em prol de lucros, a saúde pública ainda mais comercializada e o horizonte de uma educação privada. Esses pontos são verdades doloridas para uma sociedade que há pouco convivia com a escravidão. A exploração da Amazônia e o desrespeito aos acordos de controle climáticos também podem desmascarar a tentativa de Bolsonaro em se passar por um nacionalista.

Com esse cenário à vista, a partir do que se pode interpretar de suas propostas, no melhor dos cenários, teremos uma economia estável totalmente presa ao empresariado. Desse modo, o sucesso da economia do Governo Bolsonaro corresponderia ao sucesso de sua ideia "menos direitos, mais

trabalho". Porém, teríamos uma transferência de responsabilidade a qual qualquer liberalismo está sujeito. O empresariado começaria a exercer funções sociais do Estado e lucrar em serviços básicos como a saúde, a educação e a segurança. Não é à toa que uma das principais investidoras de Bolsonaro, quando deputado, era uma empresa de armas. O meme recebeu doações empresariais durante todo o período em que atuou como deputado, quando candidato à presidente, investigações mostram que esse setor o abraçou ainda mais, haja vista a origem do dinheiro de caixa 2 que teria financiado as *fake news* que impulsionaram sua campanha. Impreterivelmente, empresário não doa, investe – e o meme-presidente é o maior investimento desse setor nas últimas décadas. Então é pouco provável que tamanho esforço não resulte em uma alta exploração. Será difícil segurar o interesse privado nessa gestão e os brasileiros pagarão com privatizações e dissolução de direitos básicos.

Ocorre que todos os fatores acima citados são pautas de uma iminente crise econômica, mas ainda existem as crises sociais e políticas, que estão ligadas à economia e que podem construir outras espécies de crise no Governo Bolsonaro.

Sobre as possíveis crises sociais, poderão acontecer em decorrência da grande oposição já existente e a fácil desarticulação dos discursos de Bolsonaro. A doutrina bolsonarista tem um limite evidente que poderá ser usado como estratégia pela oposição, a falta de coerência e solidez do discurso que angariou grande apoio. Seu nacionalismo é facilmente desmascarado, a corrupção não parece ser problema, os trabalhadores não são prioridade e seu governo tende a confirmar essas questões.

Portanto, os principais pontos de seu populismo são mais frágeis que os outros populismos conhecidos no Brasil, pois,

enquanto Lula "matava a fome" e Getúlio "concedia direitos trabalhistas", Bolsonaro se diz oposto a "tudo isso daí", contra a corrupção, o comunismo, as minorias, a favor da maioria cristã e a favor do Brasil. No entanto, a fome e o trabalho são problemas iminentes na vida de todas as pessoas; enquanto a ameaça comunista, a força das minorias e a ameaça aos valores cristãos só continuam existindo na medida em que as mentiras são sustentadas, e esse imaginário coletivo pode se desfazer se Bolsonaro não se esforçar para manter o ódio ao PT.

O governo precisa institucionalizar ainda mais esse ódio, ele precisa fazer parte de políticas públicas, e provavelmente o fará, pois uma trégua a essas pautas poderia fragilizar a popularidade do governo. Dos pontos de seu populismo que foram citados, sobrariam o combate à corrupção e a defesa aos interesses nacionais, ambos facilmente desarticulados pela realidade política de seu governo, porque de um lado temos o início dos escândalos de corrupção e, do outro, o entreguismo. A incoerência discursiva engolirá o meme. Sendo assim, o populismo de Bolsonaro é mais frágil que outros populismos já conhecidos no país e as chances de seu governo ser ameaçado é maior. Por outro lado, a massa que defende o meme-presidente é um fator novo na paixão populista e pode gerar graves conflitos civis se o mito começar a despencar em popularidade e em credibilidade política.

Além disso, as leis da ação e reação serão potencializadas pelo processo de criminalização dos movimentos sociais e na medida em que o embate acontecer, maior será a reação. Normalmente, as pautas dos movimentos sociais são as lutas por conquistas de direitos, porém, em governos fascistas como tende a ser o do meme, as pautas passam a ser os próprios movimentos e não é mais necessário uma crise ou uma pauta

externa para ocuparem as ruas. Tivemos uma prévia dessas reações durante o governo golpista entre 2016 e 2018 e um movimento parecido na França de Macron. Como expliquei ao longo deste livro, Bolsonaro não é um governo, nem uma pessoa, é uma ideia fascista que contaminou o solo brasileiro, ciente disso, a oposição civil se organiza de maneira mais enfática do que normalmente ocorre. Não é necessário aguardar as medidas do governo, a ideia bolsonarista já merece repúdio por si só. Esse fator pode também contribuir para as crises do novo Executivo. Esses são fatores que podem gerar crises sociais durante o período de gestão bolsonarista, provavelmente, é a crise mais iminente entre as três (econômica, social e política), ou seja, é a que está mais suscetível a acontecer.

Por último, além das crises econômicas e sociais, há também as crises políticas. Embora Bolsonaro possa conhecer o jogo político e saiba como abrir as pernas de um governo para a classe política, a falta de liderança pode condenar seu governo. O meme assumidamente não entende de economia, para isso, elegeu o Paulo Guedes, entregou a justiça nas mãos do político Sérgio Moro, substituiu os direitos humanos pelo pseudo "direito da família e dos direitos humanos" e elencou para desempenhar essa função, uma mulher que confirma o profundo fundamentalismo ideológico, afirmando até ter um "mestrado bíblico". Além desses nomes, elencou conhecidos por envolvimento em esquemas de corrupção como Onyx Lorenzoni e o membro do partido NOVO, Ricardo Salles, condenado por improbidade administrativa durante a gestão Alckmin em SP. O interessante desses nomes é que eles foram elencados para ocupar a falta de conhecimento de Bolsonaro. Ele definitivamente não conhece nenhuma pauta que não seja armamento ou desvios de conduta. Esses figurões apontam para uma grande falta de liderança.

Quando um governo transfere para seu ministro uma responsabilidade maior que a sua atribuição, ocorre um desvio de autoridade e a figura do presidente fica fragilizada. Se isso acontece em economia e possivelmente na justiça, em longo prazo provavelmente chegará a todas as pastas, já que o meme presidente demonstra falta de conhecimento em todas essas temáticas. Essa terceirização do governo para outros nomes permite que qualquer aliado permeie as políticas do Estado e pode gerar grande conflitos de interesse. Em curto prazo um governo mais submisso ao Congresso pode resolver esse problema, mas os interesses econômicos dos financiadores de Bolsonaro podem colidir com os interesses dos ministros e do próprio Congresso, o que pode gerar um grande conflito político. Contudo, a falta de liderança distribui responsabilidades e a figura do presidente fica confusa. Afinal, quem é o presidente? Bolsonaro? Guedes? Moro? Onyx? Ou seus filhos? Seus investidores? O Congresso? O Senado? O Judiciário? Ocorre que todos querem uma parte nesse filé que o meme pode experimentar, com isso, caberia a ele administrar esse conflito de interesse, mas já é possível ver que isso não ocorrerá e que passaremos por uma gestão sem liderança alguma.

Em um primeiro momento, Guedes já demonstrou falta de habilidade política em conversas com Eunício Oliveira, fazendo o presidente do Senado se posicionar: "prensa ninguém vai dar em mim". Sabemos que não é necessário uma prensa, sabemos bem que tipo de ganho o Congresso e o Senado gostaria de ter para aprovar as medidas governistas e provavelmente Bolsonaro se esforçará para fazer isso, porém, devido a falta de liderança, de habilidade e de conhecimento, dificilmente isso sustentará um mandato inteiro. A duração do presidente-meme no governo depende totalmente

do entreguismo. Entregar os setores públicos ao interesse privado e fazer lobby no Congresso e no Senado. Não vejo outra condição para fazer dessa gestão um sucesso político. O meme ainda terá de enfrentar uma oposição raivosa e uma impopularidade dos extremos, o ódio fará política e não estará somente do lado dos bolsonaristas, esse contágio pode prejudicar seu governo com as bases políticas mais populares, afinal, quanto tempo durará para que as crises sociais afetem as bases de apoio do governo? A reforma da previdência é apenas uma, entre tantas medidas impopulares que o próprio Temer não conseguiu realizar, mesmo dentro em um momento político onde nada havia a se perder.

Portanto, as crises econômicas, sociais e políticas condenarão o governo do meme e me arrisco a dizer que as forças do poderio militar e de seu vice podem atrapalhar e muito nesses processos de crise. Os caminhos tomados pelos meme-presidente podem surpreender e uma posição de refém ao Congresso, ao Senado e ao empresariado pode sustentar e fazer durar o governo, porém, sem dúvida as crises marcarão esse novo período. Cabe a nós pensarmos em como acentuar essas crises, é por meio dela que ideais mais libertários podem se recolocar como oposição ao Estado de maneira geral e devolver o status revolucionário à esquerda. O reformismo não dará conta das novas crises e se nos limitarmos a esses soluções ciristas ou petistas, estaremos condenando, ao menos, as duas próximas décadas. Bolsonaro é sim uma ameaça à democracia, é sim uma figura que alimenta o autoritarismo e a supremacia. Nós não podemos acreditar em mártir ou salvador da pátria, é necessária uma resistência que se posicione clara e fortemente perante esse cenário, que se aproprie das pautas sociais e reaja com força contra o bolsonarismo. Volto a enfatizar, nossa vitória, mais do que nunca, não acontecerá nas urnas.

7

PELA SUPERAÇÃO DO DISCURSO DO DIÁLOGO NA DEMOCRACIA

Deveríamos superar o discurso vazio de que democracia é diálogo e expandir nossos conceitos. Com base nos filósofos nos que sustentam minhas pesquisas[38], tanto no que se refere ao poder quanto à questão geral da diferença, coloco-me a pensar a quem interessa o discurso do diálogo. Refiro-me ao discurso dele e não necessariamente seu exercício, pois o discurso constitui um valor moral, de que devemos ouvir o maior número possível de pessoas antes de tomar alguma posição, de que todos são aptos a discutir sobre todos os assuntos. Definitivamente não há problema algum em dialogar, porém, é preciso cuidado com o discurso de que uma democracia tem o diálogo como limite.

Não entendo que tal discurso tenha nascido com o intuito de ser usado como é na contemporaneidade e, por pensar

38. Tenho como referência filósofos pelos quais é possível pensar uma filosofia da diferença. As referências para a pesquisa desse trabalho passam por Espinosa, Nietzsche, Foucault e Deleuze. Recordo-lhes ainda, que muitas dessas interpretações e problemáticas me foram permitidas através de agenciamentos com amigos e professores.

assim, não acredito que seja necessário realizar uma genealogia do discurso do diálogo para chegar às constatações que pretendo. Imagino que tal construção seja um reflexo da democracia como conquista de direitos e, portanto, o diálogo ganhou caráter importante; sem ele, dificilmente conquistaríamos certos espaços e direitos.

Porém, é certo que o diálogo se estende para muito além de sua funcionalidade política, criando uma guerra e vendendo a paz. A guerra, na luta entre duas forças conflitantes, e a paz, na ideia de que é um bem ceder sua potência e deixar-se vencer pela outra força. Isso não é paz, mas, sim, alienação, ou se pudermos chamar de paz, a própria paz seria uma alienação da vontade. Isso quer dizer que há um ímpeto nas relações de força de procurar se exprimir e que ceder a uma força conflitante é abrir mão de cumprir com essa vontade de expressão, ocorre que a democracia representativa parece se fundamentar nessa prática. Portanto, a premissa de que a paz deve vencer a guerra se refere apenas à supressão de uma vontade por outra.

É evidente que há grandes distinções entre a paz e a guerra, e que a sociedade precisa da paz, porém, nas relações de poder, não há outra coisa que não seja a própria guerra. Se a paz não for convergência de forças, mas sim, a inibição de alguma dessas forças que se relacionam, é sim uma espécie e em certo nível, alienação. Porém, isso não quer dizer que a sociedade precisa necessariamente da guerra, é possível pensar em grupos que exprimam vontades parecidas e se organizem politicamente dessa forma, porém, esse fundamento é problemático e precisa de um extenso trabalho à parte. A questão é que o diálogo se compromete com uma função que não o cabe, a de tornar possíveis certas convergências sociais que talvez nem devessem existir. É interessante perceber

que o diálogo é também uma guerra, ao passo que media os interesses em conflito.

O diálogo é tratado como uma troca pacífica de ideias a fim de se chegar a um meio-termo, no qual cada parte cede um pouco e chega-se a um valor coletivo, ou seja, chega-se à justiça (no sentido aristotélico). Porém, na prática da democracia, apenas alguns grupos cedem. No caso das religiões de matriz africana, elas são marginalizadas em detrimento do cristianismo, o mesmo ocorre com a homossexualidade, as condições das mulheres e de outras minorias. Portanto, a política do diálogo não dá conta de ouvir e ceder para ambas as partes, assim, o racismo, a homofobia e todos os outros preconceitos contra minorias se instalam no próprio Estado e se institucionalizam na sociedade. O preconceito na democracia representativa brasileira é uma instituição, tanto quanto o STF, as escolas ou as igrejas. Assim, ela delimita regras nos espaços em que atuam, porém, como vimos através de Deleuze, há uma crise nas instituições e ao passo que as representações começam a representar as minorias, o preconceito como instituição perde força.

Os bolsonaristas, preocupados com essas crises, querem se afirmar nas instituições, por isso pedem a autoridade máxima dentro delas, assim, seus preconceitos deixam de serem atitudes individuais e se mantém como um valor coletivo.

Já que a discussão é necessária na democracia contemporânea, o diálogo aparece como a grande solução para que isso se faça sem prejudicar o andamento da política. O medo de uma guerra armada parece solidificar o diálogo vendido como solução pacífica, mas me proponho a avaliar como este discurso, independentemente de como tenha nascido, consegue se fortalecer na sociedade, prejudicando os interesses e vontades individuais.

O compromisso com o diálogo é um compromisso de manutenção de certas relações de poder, o exercício de ouvir a todos e sujeitar-se a discutir com todos ou com qualquer sujeito nos faz reduzir nossa força, ou a alienarmos à política – é necessário escapar dessa condição. Entre o escape e o fascismo há uma grande proximidade lógica, mas um total distanciamento filosófico. É por isso que os que encaram a vida de maneira lógica chamam os que não discutem e que não se submetem ao outro de individualistas. Na verdade, são os que resistem à fictícia ideia de igualdade vendida. É necessário cuidado para evitar o fascismo, não dialogar não quer dizer não tolerar a diferença, mas, sim, escapar das diferenças que fazem mal e da indiferença dos fascistas.

Querer distanciar-se é diferente de querer diferenciar-se. Diferentes já somos pela própria instituição do indivíduo, assim, um tem uma conotação de resistência, o outro, uma conotação moral. Querer ser diferente do outro é uma necessidade de quem o julga como inferior, ruim, ignorante ou quaisquer outros valores negativos. Portanto, para diferenciar-se do que julga ser ruim é preciso julgar o bom e o ruim e assim recorrer a determinados valores, por isso, trata-se da preocupação de um moralista. Querer distanciar-se, no entanto, é uma necessidade de quem entende a diferença como regra da existência, é um passo além do desejo por diferenciar-se, é entender que a diferença é subjetiva e que quando não se compactua com tal subjetividade com a qual se relaciona, é necessário mais do que reconhecer tal diferença, é preciso distanciar-se.

Quando a ciência conseguir êxito em tratar da vida fora de nosso planeta, difícil será o contato com estes seres, pois como podemos conversar com um ser cujo mundo é desconhecido? Um ser que vive em um mundo diferente

do nosso? É pelo mesmo motivo que ninguém ouve a voz de Deus. Se entendessem Deus como expressão do pensamento humano, como pertencente a este mesmo mundo, falaríamos a mesma língua que o próprio, mas retiraríamos todo seu valor transcendente, o que os inventores de Deus jamais aceitariam.

É por isso que digo que o moralista se preocupa em ser diferente, enquanto os resistentes entendem que a diferença já está dada e que por isso é necessário procurar perspectivas que habitem um mesmo mundo. Deste modo, cada perspectiva tem seu mundo, e o diálogo de fato só pode ocorrer entre perspectivas que dividam um mesmo mundo ou que tenham certa proximidade. Neste último caso, quando há proximidade, o diálogo serve como ponte entre mundos distintos. Quando me refiro a "mundos" estou ilustrando através de uma analogia, a diferença das perspectivas, portanto, essa discussão não deve carregar um valor metafísico ou transcendente, porém, quando falo isso, trato do exercício de um diálogo, ou seja, de uma troca de informações que só existem nos mundos de determinadas perspectivas e que passam a existir em outras, criando assim, um novo mundo, ou a união entre mundos distintos.

No entanto, não é sempre que o diálogo ocorre. De maneira prática e tratando de nossa sociedade, isso dificilmente acontece. É neste ponto que o diálogo deixa de vigorar como um exercício e passa a ser um valor artificial defendido por muitos e, a partir disso, tenta-se colocar em prática um valor que não existe e que é impraticável. É por isso que os espertos devem distanciar-se.

Demonstrei que tomar distância de mundos diferentes ajuda na saúde de seu próprio mundo. A questão aqui não é ser intolerante em relação à diferença, pelo contrário, é

respeitá-la radicalmente. Em meu entendimento, é assim que nos distanciamos do fascismo.

O diálogo como valor passou a ser tratado pela perspectiva da igualdade total, de modo que dizem que todos são aptos a discutir sobre todos os temas, desde que se tenha o "respeito" em ouvir o outro lado. Mas assim como um cientista esclarecido não tira proveito algum de um diálogo com um terraplanista, um resistente não tira proveito nenhum do diálogo com o senso comum. Assim, esta constatação é por si um valor, já que para apontar ao senso comum parte-se de pressupostos que são valores individuais, mas não se trata do mesmo problema apresentado pelo moralista, porque pouco importa se você é igualmente ignorante segundo os pressupostos deste outro. Por isso mesmo, podemos sem problema nenhum afirmar que se o outro nos julga como ruim, cabe a ele nos repelir como nós o fazemos. Portanto, esclareço que o "senso comum" é um sintoma de ignorância e não deve ser confundido com falta de conhecimento acadêmico, científico ou filosófico. Um trabalhador iletrado pode ser muito mais crítico, inteligente e antifascista dentro de sua simplicidade técnica, do que um doutor que despeja suas verdades por aí.

Na verdade, se ambos os lados da força agissem assim e, considerando que a subjetividade é contingente de forma que existem incontáveis perspectivas, seria possível que no processo histórico as sociedades se dividissem em grupos menores e o abominável nazismo não ocorresse, tão pouco teríamos que engolir Donald Trump como liderança econômica, ou menos ainda suportar apoiadores da ditadura em crescente em nosso país, ou governos repugnantes que entregam a economia ao empresariado e ainda tem a audácia de juntar restos de comida e doar aos mais pobres como uma espécie de ração humana.

Se assim fosse, quem pariu o fascismo o criaria e, assim como quem o repele, dele se afastaria. Não seríamos criadores de certas abominações da ignorância e do senso comum, mas parece que o caminho tem sido o contrário.

O discurso do diálogo faz parecer que toda opinião tem o mesmo valor, mas entendo a opinião como o pensamento sólido fragmentado em uma proposição, ou seja, a opinião é a expressão de parte de um pensamento constituído. Várias opiniões expressadas de maneiras fragmentadas em momentos diferentes, se unidas, formam uma coerência. Se isso não ocorrer, podemos acusar o incoerente de ser ignorante; a não ser que o indivíduo tenha simplesmente alterado o pensamento e, assim, expressado uma opinião incoerente em relação a anterior, mas coerente em relação as próximas que couberem a este novo pensamento. Porém, os que julgo ignorantes, não detém tal instituição. Para eles, a opinião passa a ser uma expressão desprendida de qualquer conhecimento ou pensamento constituído, é desses que devemos nos afastar, é nestes que o diálogo se torna impossível por não haver uma troca entre mundos. Os encontros com tais opiniões só nos fazem entristecer, não compartilharemos deste mundo em nenhum momento, por que insistir nesta tentativa de diálogo? É importante lembrar, não estou sendo racionalista, nem dizendo que o pensamento tem uma constituição fixa, mas o movimento do pensamento constitui perspectivas e o que se expressas delas é a opinião.

Contudo, é necessário repensar a resistência. Não é razoável ouvir o fascismo pacificamente, esse discurso pós-moderno e friamente lógico que tenta colocar todas as perspectivas sob um mesmo valor, ignora o perigo das distinções entre essas perspectivas. Há quem habite o mundo fascista conformadamente e há quem tenta escapar desse mundo. Desejar a

morte de um líder fascista é diferente do fascismo que deseja a morte das minorias. Recorramos às leis mais básicas da ação e reação e aprendamos a entendê-las. Desejar a supressão do fascismo não é necessariamente um desejo fascista, embora possa tornar-se. Para remediar isso, é necessário cuidado, entre a reação e o fascismo a linha é tênue. Para resistir nessa nova configuração política, é necessário superar a lógica. Premissas iguais não expressam necessariamente ideias iguais, exterminar minorias é completamente diferente de executar líderes totalitaristas, embora as premissas carreguem a mesma estrutura lógica, tem valores diferentes. A existência não se limita à lógica formal e a resistência também não o deve fazer. O discurso do diálogo quase sempre cai no legalismo. Não é interessante fazer justiça com as próprias mãos, pois a experiência nos mostra que os interesses individuais se sobressaem e prejudicam a vida coletiva, da mesma forma, não podemos deixar essa função a cargo do estado, pois ele também é submetido a interesses. Portanto, a resistência enquanto noção de justiça deve ser pensada como ação comum e contínua além do individualismo e do absolutismo.

Quando lutamos dentro da legalidade, lutamos pela flexibilização do aparelho do Estado, quando lutamos fora da legalidade, resistimos. Isso não é uma apologia ao terrorismo, ao banditismo ou às outras atividades análogas ao Estado, mas é um apelo para abrir as perspectivas políticas além do Estado.

Mais do que nunca, é preciso entender que o diálogo é uma abertura pacífica submissa ao ódio, o fascismo não quer dialogar e não está disposto a abrir mão de suas verdades fundamentalistas. Resistir não é ser bom coletivamente, nem mal, é agir com liberdade em busca da manutenção e da potencialização da existência. Portanto, submeter suas

liberdades ao fascismo é uma má condição que o discurso do diálogo nos submete. Alienar as individualidades parece ser um dos fundamentos do Estado, pela crença em indivíduos violentos e egoístas, porém, o fascismo não se submete a essa alienação e age com violência e institui o ódio dentro do próprio Estado. Portanto, se alienamos nossos valores individuais em detrimento do coletivo, contribuímos para a instituição do fascismo. Esse é o movimento das esquerdas atualmente. Nossas lutas precisam sair do Estado, precisam desocupar certos espaços para ocupar outros. Não tenho uma resposta para esse problema, mas sei que o bolsonarismo não será vencido com diálogo. Reitero, isso não é uma convocação à violência gratuita, mas sim um desejo de reação que não se submeta ao fascismo. Ouvir o gigante fascista não traz bem social algum e não podemos continuar abrindo mão de direitos básicos em nome de uma moral vazia de conceito. Ser de esquerda não é ser do bem, nem do mal.

É necessário desmontar as instituições fascistas e dar fim ao discurso de que o diálogo nos levará ao meio-termo justo. Foram décadas de uma política do diálogo e não ganhamos mais que representações mais fiéis de certos grupos. Ainda assim, as classes mais ricas continuam acumulando e nós continuamos submissos, passivos e dialogando. O lobo não dialoga com o cordeiro, então a interesse de quem o inverso acontece? É preciso novas ações políticas e novas estratégias de resistência. O modelo do diálogo faliu, a representação teve êxito em representar as maiorias e essa combinação institui um cenário desfavorável para as minorias. Não podemos nos acomodar com a simples representação dentro das instituições fascistas. A ascensão das minorias nos espaços não deveria ser tratada como o grande ganho. É necessário superar o discurso de que a somos democratas enquanto

dialogamos com o fascismo. As formas de reação precisam de criações. Se a voz que nos ecoa é a do fascismo, sejamos surdos. Se isso não for possível, sejamos truculentos. Se o diálogo comporta o fascismo, que destruamos também o diálogo enquanto método político. Definitivamente, é preciso pensar novamente o novo.

Concluo que dialoguemos e muito, mas que não nos enganemos pelo discurso de que esse é o valor maior da democracia. Que não nos submetamos ao fascismo crendo estar dialogando. A democracia enquanto valor democrático só será possível se todos os partícipes desse diálogo respeitarem as regras desse jogo democrático, portanto, com o fascismo não há como estabelecer uma relação de diálogo.

8

A EXPRESSÃO COMO MÉTODO DE RESISTÊNCIA

Na primeira parte da presente obra, apresentei a tese de que o grande problema não é a má representação, mas, sim, o próprio sistema representativo que já é deficiente por si só. Portanto, o problema não é o fato de as pessoas não serem representadas; na verdade, uma boa representação não é sinônimo de um Estado justo, pelo contrário, vemos que no êxito da representação representa-se muitas vezes, imagens fascistas presentes em meio as sociedades. Assim, as coexistências que deveriam representar a sociedade civil em um corpo jurídico (Estado) não ocorrem, e os interesses particulares são colocados à frente. E ainda que essas coexistências funcionem corretamente, as imagens das representações são grotescas.

Posteriormente, na segunda parte, expliquei que o bolsonarismo é um regime de pensamento fascista alavancado pela política do desprezo intelectual que se dá por três momentos: a crise, o esvaziamento e a propagação.

Na terceira parte, demonstrei como as eleições de 2018 estão completamente ligadas ao gigante fascista de 2013, criado pelas forças conservadoras brasileiras.

Depois disso, na quarta parte, apresentei a origem e a ascensão do meme-presidente, como se deu sua proliferação nas redes sociais e como sua figura é um personagem puramente antagônico ao petismo, sem vida fora desse espectro e sem projeto algum para o país e sequer pode ser considerado um grande opositor.

Na quinta parte, tentei explicitar junto de discussões da filosofia francesa como a eleição de um meme é efeito da sociedade de controle, um novo regime de poder baseado nas modulações ao invés das subjetivações.

Posteriormente, apresentei as iminentes crises do governo do meme, os aspectos de seu populismo e suas fragilidades.

Finalmente, demonstrei como o discurso do diálogo corrobora com a manutenção desse sistema fascista e com a instituição do ódio e do preconceito.

Portanto, apresentei as bases do fascismo que elegeram Bolsonaro e os motivos para considerá-lo um meme.

Sendo a eleição de um meme resultado direto de um novo regime de poder, em vez de determinar as subjetividades, ocorre a modulação. É correto presumir que as eleições de memes são tendências das sociedades ainda extremamente analfabetas, presas às tecnologias e às redes sociais. Podemos imaginar um cenário onde as eleições e posições políticas serão moduladas cada vez mais pelas redes sociais, pelo mercado publicitário e pelas notícias falsas. Bolsonaro é o primeiro meme eleito presidente do Brasil, mas pode não ser o único se não aprendermos a reagir contra esse novo regime de poder.

A sociedade de controle nos parece mais livre, porém, é uma liberdade explicitamente liberal. Partidos financiados

por bancos e grandes capitais financeiros, como aquele de cor sugestiva que se apresenta como novo, que embora exista há pouco tempo, já tem nomes denunciados em esquemas de corrupção, expressam o interesse em construir uma narrativa pós-Bolsonaro, mas ainda com um método de eleição em *mimema*.

Ao que tudo indica, o líder dessa "novidade" investiu nas redes sociais mais que em meios tradicionais de comunicação, o mesmo ocorre com o tucano engomadinho; ambos são os possíveis "novos Bolsonaros" das próximas eleições. Percebo que a direita tem se armado para uma passagem de bastão por meios democráticos, enquanto a esquerda insiste em legiti- mar o ordenamento jurídico que posteriormente permitirá a eleição de políticos liberais e a destituição política de movi- mentos de esquerda.

O efeito em *mimema* não é exclusivo de figuras ignorantes e despreparadas, se já houvesse o advento das redes sociais, provavelmente Collor, inteligente e com um projeto sólido liberal, poderia ter sido o primeiro meme-presidente, apesar de sua língua não ser a do "povão", como ocorre com Jair. Existem personagens mais preparados que Messias e que também podem se configurar como próximos memes-presidentes. E personagens tais que tem grande conhecimento nos assuntos referentes à economia e, por isso, podem ser, em longo prazo, mais austeros economicamente. Quando afirmo isso, refiro-me à eleição em *mimema* e não propriamente a figuras simplistas e populares. É pouco provável que cheguem ao menos perto da imagem divina que envolve o presidente meme.

Assim, mais do que nunca, precisamos pensar em novas resistências. Sabemos, o Bolso é pop e seus fiéis seguidores estão dispostos a apoiá-lo incondicionalmente. Para eles,

Bolsonaro não é uma figura política passível de críticas, é como um deus irrefutável. Em uma sociedade de controle, a resistência contra essas aberrações não serão vencidas com ocupações. Se antes poderíamos ocupar um espaço e evitar que o fascismo se propagasse, agora, devemos criar novos espaços de resistência. Fica mais difícil diferenciar dentro e fora, é necessário que os espaços externos rompam com os espaços internos e, mais do que isso, que criem espaços resistentes aos externos, porém, que internamente não sejam subjetivistas, mas expressões dessas subjetividades. É necessária a construção de um maquinário de guerra, como propõe Deleuze, que seja suficiente para que as liberdades sejam expressas. É preciso manter os espaços conquistados, mas desocupá-los na medida em que novos espaços forem criados.

Embora essa discussão pareça demasiada metafísica, é preciso pensar em soluções práticas, talvez, a formação de pequenos grupos organizados e autossustentáveis, bases populares com ações descentralizadas ou mesmo um trabalho em longo prazo por meio de novas escolas.

Em 2016, pude presenciar um movimento massivo de estudantes secundaristas que fundaram um novo conceito de escola, no qual os conteúdos são mais práticos e ligados com a realidade local, várias refeições ao dia realizadas pelos próprios alunos, discussões, atividades esportivas e artísticas e ainda um sistema de autoproteção com vigílias noturnas. Como alguém que ministrou aulas nesses espaços e passou várias noites de escola em escola com secundaristas, afirmo que esse foi o movimento de resistência mais ativo que pude presenciar, em que a educação foi o foco principal e uma formação política era realizada. Os secundaristas fizeram, em algumas semanas, o que vários anos de governos distintos não fizeram no país, um novo modelo de educação, com

foco político, crítico e coletivo. As escolas secundaristas são bons exemplos, mas podemos ampliar essa discussão e pensar ativamente na criação de novos espaços de resistência.

Agora, apresento uma analogia para expressar alguns pensamentos possíveis a partir da discussão sobre a sociedade de controle, a representação e a expressão[39]. Usar um agasalho nos permite sentir prazer ao se colocar em um pico alto, apesar do forte vento, muitas vezes, incômodo, sentimos prazer com o próprio vento, permitindo que o admiremos de perto, que o experimentemos. A sociedade como se constituiu (através do Estado) nos oprime a ponto de nos sentirmos impotentes, mas assim como o prazer em estar em um pico alto apesar do vento, é possível o prazer em viver apesar do Estado. É possível nos agasalharmos e nos protegermos desta forma de sociedade constituída. Mas o vento não é só incômodo, quando o experimentamos, podemos sentir prazer; o Estado também, mas a experimentação de prazer no Estado advém da relação social, do prazer em viver em sociedade e não da forma como constituímos este convívio. É o prazer que sentimos apesar do Estado, é a experiência do convívio social "puro", é a experimentação de liberdade nas relações. Na base, em nossas casas, em nosso bairro, em nosso grupo de amigos, qual a participação direta do Estado? O espaço físico em que nos encontramos, os horários, talvez a temática das conversas? As influências são muitas, mas, ainda assim, construímos um espaço único e nosso, onde podemos conversar, expressar nossas diferenças sem julgamentos e estabelecer um espaço de resistência. A amizade é uma grande ferramenta de resistência. Portanto, sentir prazer em viver apesar do Estado é ora usar agasalho, ora sentir o vento.

39. Essas ideias me foram possíveis com as aulas de um grande professor, orientador e amigo durante a graduação e de leituras de Deleuze e Foucault.

É, na verdade, tratar o vento como realmente é, propriedade natural, assim como nós, assim como a sociedade. Devemos desviar do vento quando necessário, mas admirá-lo quando possível. Sintamos o vento, sintamos o prazer de se por à natureza apesar dele, sintamos a sociedade, sintamos o prazer de viver apesar do Estado.

Com a ilustração acima, refiro-me ao vento como analogia aos impedimentos e limitações políticas de um Estado, como o fascismo. Colocar-se à natureza apesar do forte vento, é aproveitar as experimentações das relações sociais "puras", aquelas que independem do Estado para existirem. Deveríamos pensar em uma política baseada na expressão e não na representação, uma política da amizade. Isso é completamente diferente de aceitar o fascismo, ao contrário, é escapar dele. Se pudermos expandir as experimentações sociais "puras" a ponto de instituí-las como sociedade, estaríamos escapando do fascismo. Não se trata de respeitar o fascismo, aceitá-lo ou deixá-lo crescer, mas, sim, expandir os espaços não fascistas.

Ainda sobre a analogia citada, questiono: "É possível romper ativamente com o estado civil para construção de uma nova sociedade?" Parece-me que não, porém, a esquerda ainda não percebeu. O capitalismo só será vencido pela sua própria derrocada, na medida em que sua economia tornar-se insustentável e as crises o tomarem – essas crises não podem ser geradas, ao menos não sistematicamente a ponto de rompermos completamente com um modelo para construção de um novo, portanto, a militância que busca revolucionar causando uma ruptura, parece-me exageradamente esperançosa e otimista. Se essa for a intenção, devemos nos ater a esperar pela oportunidade correta, para a crise que se apresentar, porém, gerar uma crise sistêmica me parece inviável.

Por outro lado, há uma sociedade que engole as diferenças, que inclui todas as diversidades e que coloca as minorias ao lado das maiorias, causa desconforto entre esses grupos predominantes e um conforto nas minorias, porém, isso não é satisfatório, essa pequena vitória não é suficiente para vivermos uma diferença. Precisaríamos de um espaço onde houvesse mais que respeito, mas instituição do respeito, ou seja, a impermeabilidade, a impossibilidade de ser atacado pelos fascismos que se apresentam em nós.

Se não podemos destituir o Estado injusto e desproporcional como o conhecemos e romper com sua política, por que não tentar solidificar espaços de resistência que crie espaços externos? Se é possível experimentar as relações sociais "puras", por que não insistir na criação de espaços que tornem isso possível e deixar de vez a esperança de uma revolução do estado? Por que ocupar o Estado ao invés de escapar dele?

Contudo, é justo afirmar que a eleição de um meme é um novo tipo de relação política que se deu em uma nova sociedade, cabe-nos pensar em como resistir de maneira nova. Resistir à modulação é diferente de resistir à subjetivação, se antes éramos pressionados a agir de determinadas maneiras, bastava a não ação para se fazer resistência, ora, se na sociedade de controle não há essa determinação, como reagir? Como expressar nossas diferenças?

Viver apesar do Estado é tarefa de quem entende que o Estado não será vencido por ocupação, é um passo novo do pensamento revolucionário, é perceber que já fomos derrotados e que é necessário novos espaços de resistência. E que essas, não podem mais se basearem na representação, mas sim, na expressão.

Assim, instigo para uma noção de resistência expressiva, uma maneira de pensar a expressão em detrimento a repre-

sentação e assim, vislumbrar uma política não representativa. Pretendo adentrar profundamente essa temática em um trabalho acadêmico específico em momento oportuno e por hora me proponho a levantar algumas questões e possibilidades para abrir a discussão, mais do que para teorizar sobre o tema.

No Tratado Político, Espinosa diferencia povo e multidão. Brevemente, define povo como o corpo político de um estado civil, o grupo de cidadãos pertencentes a um distrito e, portanto, submetido às leis desse distrito. Enquanto a multidão é a expressão una e livre das vontades, aquelas que ainda não estão submetidas a um estado e que, portanto, não age sob vontade de outra coisa que não a própria natureza, as expressões individuais unificadas em um *conatus* coletivo instituiriam o estado civil, dessa forma, por necessidade o estado civil agiria conforme a própria natureza e seria expressão da vontade natural dos indivíduos, ou seja, o estado civil seria instituição natural da vontade coletiva. Portanto, diferente dos contratualistas, Espinosa trata da expressão em detrimento à representação, pois, enquanto os contratualistas defendem que o estado civil deve, em certo nível, se apresentar como a superação da natureza e o êxito do direito sob as vontades naturais, o modelo espinosano trata o cidadão como expressão da multidão, ou seja, o corpo civil não deve estar separado do corpo que o instituiu.

Considerando o primeiro capítulo onde expliquei que a representação exige uma separação, é plausível afirmar que os cidadãos são para os contratualistas representações, uma versão civil das vontades humanas expressas no estado de natureza. Contudo, Espinosa defende um modelo onde cidadãos e multidão não estão separados, dessa forma o cidadão não é representação da multidão, mas expressão. O estado civil seria então, expressão natural, mas e quanto a seus regimes?

Assim, é possível questionar: O conceito de democracia como o conhecemos não seria uma forma de representação da multidão? Uma vulgarização das vontades coletivas contidas por determinados valores? Me parece que o poder do estado está separado de quem o emana: o povo. As representações seriam suficientes para que o poder se faça a partir do próprio povo? Talvez, se a natureza fosse mais generosa com Espinosa e ele dispusesse de tempo para terminar sua obra política, teríamos uma noção que se aproximasse de algo como multitucracia. Uma percepção que se difere do conceito conhecido de democracia, se apresentando como uma variação dela, ou até mesmo, como um novo pensamento político. Talvez, ao menos daria mais detalhes sobre seu entendimento sobre democracia e explicasse esse conflito entre representação e expressão[40].

Ocorre que a história não permitiu que pensássemos em um conceito similar através do próprio Espinosa, mas me cabe na função de provocador, questionar: Seria a democracia representativa, um modelo de representação da multidão? Seria o povo a representação da multidão? Se há uma distinção entre povo e multidão, ao defender que o estado civil se expressa na vontade da multidão, a democracia parece referir-se a uma representação dela, quero dizer, se a democracia se define como o poder emanado do povo, não seria necessário um conceito distinto para tratar o poder expresso pela multidão? Haja vista que o poder do estado não seria emanado pelo povo, mas sim, pela multidão e consequentemente o governo não seria do povo, mas da multidão. Talvez, esse questionamento traria consequências ainda mais radicais

40. Essa noção se conecta a uma interpretação em *Espinosa e o Problema da Expressão* do filósofo francês Guilles Deleuze onde apresenta a expressão como uma tríade entre: substância, atributos e modos, é provável que boas ideias desse problema saiam desse entendimento.

como, por exemplo: A multidão pode ser governada? Se não, então esse possível conceito não parece servir. Na verdade, é bem provável que Espinosa não chegasse a essa percepção, pois ainda não teria experimentado a prática democrática que experimentamos, onde o povo separou-se da multidão, ou seja, onde as vontades coletivas são convertidas e submetidas à jurisdição do estado civil mais do que o contrário. Espinosa apresenta um conceito de democracia onde povo e multidão são expressões de mesma Natureza. Há muitos outros tipos de relações de poder que não cabem no estado, mas a premissa de que o poder do estado é o poder da vontade da multidão parece não ter acontecido no fato democrático e esse valor, inclusive, parece estar se perdendo pelo autoritarismo, pelo fascismo ou ambos simultaneamente.

Contudo, pergunto: é possível pensar em um sistema político que se conecte diretamente ao povo, se for mais conveniente: com a multidão? Seria possível pensar na expressão para além de um poderio governamental? Onde os poderes do estado seriam expressos e não representados? Talvez, um grande achado político da contemporaneidade seja de fato pensar a partir dessa premissa, ou talvez, esse questionamento decaia sobre o conceito de democracia direta.

Independente do achado político que essa discussão possa nos trazer, é mais urgente pensar as resistências antes de pensar na efetivação nos poderes do estado. Ao que me parece, a resistência deve ser expressa, mais do que representada, portanto, a resistência deve ser expressiva e não representativa. É necessário e urgente pensar nas ações de resistências a partir desse problema. É possível que toda a crise apresentada nesse texto seja ainda sintoma de problemas ainda mais estruturais e talvez, estejamos sob o horizonte do impensado, mais do que nunca nas últimas décadas. Preso ao nosso tempo

e preso ao nosso espaço, humanos ocupantes de espaços e consumidores de tempos que somos, podemos estar olhando sob a ótica do presente e do passado e perdendo a capacidade de pensar novidades para o futuro. Romper com os sistemas de representações pode soar radical e utópico, mas quem se compadece com a permanência e a realidade que nos bate a porta? Desse modo, realço: as críticas às tentativas de revoluções no estado aqui expressas, não podem fazer coro com o conservadorismo e espero não ter dado abertura suficiente para esse reducionismo, a questão é pensar para além da revolução como a conhecemos, é revolucionar o próprio conceito de revolução, ou, em tom mais brando: repensar as ações de resistência de forma que possam existir além do espectro universal, porém, que sejam ainda revolucionários. Portanto, esclareço que a crítica nesse texto não se refere a grandiosa e importantíssima obra revolucionária marxista, mas sim, o comodismo pelo qual me deparo ao olhar para os que o aplicam à representação. O marxismo pode contribuir para o pensamento revolucionário muito mais do que a tendência representativa tenta nos apresentar.

Uma resistência expressiva não se deixa representar, não desocupa sem ocupar novos espaços e potencialmente não se exprime em grandes sociedades. Se o *conatus* coletivo é instituição da vontade coletiva, qual coletivo poderia ser esse? Um estado não parece se caracterizar como coletivo, porque não há expressão das vontades, pois as vontades são múltiplas e as que instituem o estado, são poucas ou geralmente, uma. A tese contratualista sobre a multiplicidade das vontades individuais que convergem no que for conveniente à todos, é de fato suficiente para instituir um estado, mas nunca para instituir um coletivo. Pois um corpo coletivo teria que dar conta das expressões que vão além de garantir a segurança ou a propriedade.

Salta aos olhos a diferença de valores dentro de um mesmo estado, os brasileiros elegem progressistas e conservadores, consomem as artes das mais comunicativas às mais comportadas, mas continuam se entendendo como sociedade através da propriedade e da segurança. No entanto, sob a possibilidade de ambos se perderem, ou sob as mentiras que visam disseminar essa possibilidade, reage o fascismo. Se o estado é um acontecimento que visa unicamente manter a segurança e a propriedade, talvez seja esse um fator que permite o declínio desse valor coletivo.

A expressão não se submete à funcionalidade alguma. Assim, uma resistência expressiva deve buscar mais que segurança e propriedade e deve repensar o próprio estado e seus sistemas econômicos. As expressões podem garantir mais pontos de convergência do que apenas esses, podem garantir uma existência inteira, sem divisões subjetivas. Os coletivos são expressivos pois o mesmo coletivo pode desejar A ou B, e se algum deles desejar C, se expressariam com aqueles que expressam da forma mais similar possível, digo similar, pois a realidade empírica são se limita a matemática das fórmulas A, B ou C. Por isso mesmo, talvez essa noção não caiba no estado, ao menos que o repensemos radicalmente. Como seria uma política organizada nas convergências de forma que não precisassem interferir nas convergências alheias? Como seriam esses coletivos? Como uma economia se sustentaria? Talvez, devemos ser menos monumentais e pensar nesse modelo através da própria amizade, através dos laços que as vontades criam. Ora expressamos com um coletivo, outrora com outro e eventualmente, com outro, não há limite de pessoas, nem de vontades. Essa possibilidade pode não colidir com o modelo do estado representativo, pode ser a refutação máxima desse modelo e a ascensão da sociedade contra os valores

e sentimentos fascistas e o mais interessante, isso pode acontecer debaixo do nariz dos poderios econômicos.

A expressão, portanto, pode permitir que existamos além da representação e do estado. Talvez essa percepção seja um aceno à independência das forças políticas, ou talvez, a queda livre dos valores coletivos. Por isso mesmo, o que apresento não é definitivo, é oportuno pensarmos as novidades, vislumbrarmos as possibilidades e nos unirmos aos fantasmas filosóficos, históricos, políticos e econômicos para enxergar múltiplos caminhos. O momento é de ruptura.

Definitivamente, a política não é futebol e não há para o que torcer, elegemos um meme de crises iminentes, não nos cabe torcer, mas resistir ao que nós, de olhos sensatos, percebemos.

Se o gigante fascista acordou, é preciso que o gigante antifascista também acorde do sono moralista, do sono representativo e do sono do falso diálogo. Um tipo de democracia que cala as vozes de seus instituídos deveria ser repensada. Não deveríamos nos acostumar com o silêncio, tão pouco temer a publicação de um pensamento, mas tememos.

No Brasil, o ódio costuma vencer e não podemos ser mártires, nem símbolos. Prefiro ser uma pessoa viva, em todos os sentidos. Se vivo conforme meus interesses e meus amores, o que mais importa é minha existência e a existência dos mais próximos, é só o que tenho, portanto, nenhuma causa, nenhuma política, nenhum bem coletivo será maior que minha vontade de viver. Ainda assim, é necessário ir à luta, pois a resistência deve ser o esforço em continuar existindo na sua diferença, portanto, devemos resistir fortemente contra o desejo fascista de suprimir nossa diferença e devemos ser maiores que as aberrações provenientes desse tipo de pensamento e sentimento, devemos lutar pela existência e

pela diferença e enfrentar sem medo os deuses da morte do fascismo, porém, lutar com novidade. Que a luta pela existência seja a luta por existir e existir bem. Que seja a luta por uma existência livre, educada, segura, saudável e antifascista.

Mas, em relação às causas e nações, não sou romântico, "viver é melhor que sonhar[41]" e, assim, orgulhosamente, diferentemente dos filhos teus, fugirei à luta.

41. Belchior

anexo

O ANTI-ÉDIPO: UMA INTRODUÇÃO À VIDA NÃO FASCISTA[42]

Michel Foucault

Entre os anos 1945 e 1965 (penso na Europa), havia certa maneira correta de pensar, certo estilo de discurso político, certa ética do intelectual. Era preciso ser íntimo de Marx, não deixar os sonhos vagarem longe demais de Freud, e tratar os sistemas de signos — o significante — com o maior respeito. Tais eram as três condições que tornavam aceitável esta singular ocupação que consiste em escrever e enunciar uma parte de verdade sobre si mesmo e sua época.

Depois vieram cinco anos breves, apaixonados; cinco anos de júbilo e de enigma. Às portas de nosso mundo estava o Vietnã, evidentemente, e o primeiro grande golpe desferido contra os poderes constituídos. Mas aqui, em nossas fronteiras, o que acontecia exatamente? Um amálgama de política revolucionária e anti-repressiva? Uma guerra travada em dois

42. Prefácio à edição americana de *O anti-Édipo*. *Capitalismo e esquizofrenia*, de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Foi retomado em *Dits et* êcrits, de Foucault (Gallimard). O título é da redação do *Magazine Litteraire*, onde foi publicado pela primeira vez em francês. Trad. Fernando José Fagundes Ribeiro.

frontes — a exploração social e a repressão psíquica? Uma escalada da libido modulada pelo conflito de classes? É possível. Seja como que for, foi por essa interpretação familiar e dualista que se pretendeu explicar os acontecimentos desses anos. O sonho que entre a Primeira Guerra Mundial e o advento do fascismo havia mantido sob seu encanto as frações mais utopistas da Europa — a Alemanha de Wilhelm Reich e a França dos surrealistas — retornara para abrasar a própria realidade: Marx e Freud iluminados pela mesma incandescência.

Mas terá sido isto realmente o que se passou? Tratou-se de fato de uma retomada do projeto utópico dos anos 30, dessa vez na escala da prática histórica? Ou terá havido, ao contrário, um movimento em direção a lutas políticas que não se conformavam mais com o modelo prescrito pela tradição marxista? Em direção a uma experiência e uma tecnologia do desejo que já não eram freudianas? Certamente, foram brandidos os velhos estandartes, mas o combate se deslocou e ganhou novas zonas.

O anti-Édipo mostra, inicialmente, a extensão do terreno percorrido. Porém faz muito mais. Ele não se distrai difamando os velhos ídolos, ainda que se divirta muito com Freud. E, sobretudo, ele nos incita a ir mais longe. Seria um erro ler *O anti-Édipo* como a nova referência teórica (sabem, essa famosa teoria que nos foi anunciada com tanta freqüência: aquela que vai englobar tudo, que é absolutamente totalizante e tranqüilizante e da qual, conforme nos garantem, "temos tanta necessidade" nessa época de dispersão e de especialização, em que a "esperança" desapareceu). Não se deve buscar uma "filosofia" nessa extraordinária profusão de noções novas e de conceitos-surpresa. *O anti-Édipo* não é uma contrafação de Hegel. A melhor maneira de ler *O anti-Édipo* é, creio eu, abordá-lo como uma "arte",

no sentido em que se fala de "arte erótica", por exemplo. Apoiando-se nas noções aparentemente abstratas de multiplicidade, de fluxos, de dispositivos e de ramificações, a análise da relação do desejo com a realidade e com a "máquina" capitalista traz respostas a questões concretas. Questões que se ocupam menos com o porquê das coisas do que com seu como. Como se introduz o desejo no pensamento, no discurso, na ação? Como o desejo pode e deve desdobrar suas forças na esfera do político e se intensificar no processo de reversão da ordem estabelecidas? *Ars erotica, ars theoretica, ars politica*.

Donde os três adversários aos quais *O anti-Édipo* se vê confrontado. Três adversários que não têm a mesma força, que representam graus diversos de ameaças e que o livro combate por meios diferentes.

1) Os ascetas políticos, os militantes morosos, os terroristas da teoria, aqueles que gostariam de preservar a ordem pura da política e do discurso político. Os burocratas da revolução e os funcionários da Verdade.

2) Os deploráveis técnicos do desejo — os psicanalistas e os semiólogos que registram cada signo e cada sintoma e que gostariam de reduzir a organização múltipla do desejo à lei binária da estrutura e da falta.

3) Enfim, o inimigo maior, o adversário estratégico (visto que a oposição de *O anti-Édipo* a seus outros inimigos constitui antes um engajamento tático): o fascismo. E não somente o fascismo histórico de Hitler e Mussolini — que soube tão bem mobilizar e utilizar o desejo das massas —, mas também o fascismo que está em todos nós, que ronda nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz gostar do poder, desejar essa coisa mesma que nos domina e explora.

Eu diria que *O anti-Édipo* (possam seus autores me perdoar) é um livro de ética, o primeiro livro de ética que se escreveu na França desde muito tempo (é talvez a razão pela qual seu sucesso não se limitou a um "leitorado" particular: ser antiÉdipo tornou-se um estilo de vida, um modo de pensamento e de vida). Como fazer para não se tornar fascista mesmo (e sobretudo) quando se acredita ser um militante revolucionário? Como livrar do fascismo nosso discurso e nossos atos, nossos corações e nossos prazeres? Como desentranhar o fascismo que se incrustou em nosso comportamento? Os moralistas cristãos buscavam os traços da carne que se tinham alojado nas dobras da alma. Deleuze e Guatta- ri, por sua vez, espreitam os traços mais íntimos do fascismo no corpo.

Prestando uma modesta homenagem a São Francisco de Sales[43], poderíamos dizer que *O anti-Édipo é uma introdução à vida não fascista*.

Essa arte de viver contrária a todas as formas de fascismo, estejam elas já instaladas ou próximas de sê-lo, é acompanhada de certo número de princípios essenciais, que resumirei como segue, se eu devesse fazer desse grande livro um manual ou um guia da vida cotidiana:

- Liberem a ação política de toda forma de paranóia unitária e totalizante.
- Façam crescer a ação, o pensamento e os desejos por proliferação, justaposição e disjunção, e não por subdivisão e hierarquização piramidal.
- Livrem-se das velhas categorias do Negativo (a lei, o limite, as castrações, a falta, a lacuna) que por tanto

43. Homem da Igreja do século XVII, que foi bispo de Genebra. É conhecido por sua Introdução à vida devota.

tempo o pensamento ocidental considerou sagradas, enquanto forma de poder e modo de acesso à realidade. Prefiram o que é positivo e múltiplo, a diferença à uniformidade, os fluxos às unidades, os agenciamentos móveis aos sistemas. Considerem que o que é produtivo não é sedentário, mas nômade.

- Não imaginem que seja preciso ser triste para ser militante, mesmo se o que se combate é abominável. É a ligação do desejo com a realidade (e não sua fuga nas formas da representação) que possui uma força revolucionária.
- Não utilizem o pensamento para dar a uma prática política um valor de Verdade; nem a ação política para desacreditar um pensamento, como se ele não passasse de pura especulação. Utilizem a prática política como um intensificador do pensamento, e a análise como multiplicador das formas e dos domínios de intervenção da ação política.
- Não exijam da política que ela restabeleça os "direitos" do indivíduo tal como a filosofia os definiu. O indivíduo é produto do poder. O que é preciso é "desindividualizar" pela multiplicação e o deslocamento, o agenciamento de combinações diferentes. O grupo não deve ser o liame orgânico que une indivíduos hierarquizados, mas um constante gerador de "desindividualização".
- Não se apaixonem pelo poder.

Diríamos inclusive que Deleuze e Guattari gostam tão pouco do poder que buscam neutralizar os efeitos de poder ligados a seu próprio discurso. Donde os jogos e as armadilhas que de algum modo se encontram por toda parte no

livro, e que fazem de sua tradução uma verdadeira proeza. Mas não se trata das brincadeiras familiares à retórica, aquelas que buscam seduzir o leitor sem que este esteja consciente da manipulação e que terminam por ganhá-lo para a causa dos autores contra a sua vontade. As armadilhas de *O anti-Édipo* são as do humor: convites a se deixar expulsar, a abandonar o texto batendo a porta. O livro faz pensar com freqüência que só há humor e jogo ali onde entretanto algo de essencial se passa, algo que é da maior seriedade: o banimento de todas as formas de fascismo, desde aquelas, colossais, que nos envolvem e nos esmagam, até as formas miúdas que fazem a amarga tirania de nossas vidas cotidianas.

Cadernos de Subjetividade / Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. – v. 1, n. 1 (1993) – São Paulo, 1993 [páginas 197 a 200].

FORMATO *14x21cm*
MIOLO *Papel Pólen Soft 80g/m²*
CAPA *Papel Supremo 250g/m²*
TIPOGRAFIA *Bergamo Std 11/15*
IMPRESSÃO *Gráfica Multifoco*